



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**RÁILA MARTINS TRINDADE**

**ISSO É COISA DE CRIANÇA? EXPOSIÇÃO A CONTEÚDOS ERÓTICOS E O  
PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

**São Luís  
2025**

RÁILA MARTINS TRINDADE

**ISSO É COISA DE CRIANÇA? EXPOSIÇÃO A CONTEÚDOS ERÓTICOS E O  
PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da Universidade  
Federal do Maranhão como requisito parcial  
para obtenção do título.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sirlene Mota Pinheiro da  
Silva.

São Luís  
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Trindade, Ráila Martins.

Isso é coisa de criança? Exposição a conteúdos eróticos e o papel da educação sexual na primeira infância / Ráila Martins Trindade. - 2025.

80 f.

Orientador(a): Sirlene Mota Pinheiro da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2025.

1. Conteúdos Eróticos. 2. Educação Sexual. 3. Desenvolvimento Infantil. I. Silva, Sirlene Mota Pinheiro da. II. Título.

RÁILA MARTINS TRINDADE

**ISSO É COISA DE CRIANÇA? EXPOSIÇÃO A CONTEÚDOS ERÓTICOS E O  
PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA**

Aprovada em 08/08 /2025

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Sirlene Mota Pinheiro da Silva (Orientadora)  
Doutora em Educação - UFMA

---

Edith Maria Batista Ferreira (1ª Examinadora)  
Doutora em Educação - UFMA

---

Helianane Oliveira Rocha (2ª Examinadora)  
Doutora em Educação - UFMA

*Ao Verbo que se fez carne e habitou entre nós, que através de Sua misericórdia e bondade me inspirou a cultivar esses mesmos sentimentos pelos meus semelhantes e a viver uma vida com meu conhecimento dedicado ao serviço da sociedade, como Ele fez.*

*À minha mãe, Rita de Cássia, uma mulher forte que, com muita dedicação e amor, renunciou muitas coisas por amor a mim e me ensinou princípios que regem a mulher que sou hoje. Mãe, esta conquista também é sua.*

*À minha avó, Maria do Socorro, que superou as dificuldades para proporcionar o melhor para mim e para minha mãe. Vó, esta conquista também é sua.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Ti, meu Deus e Pai, fonte inesgotável de bondade e misericórdia, que me guiou até este momento com mãos carinhosas. Em meio aos desafios e desânimos do caminho, foi o Teu amor que regou em meu coração a chama de fazer a diferença, seguindo os passos do Teu Filho, Jesus.

À minha mãe, Rita de Cássia, que sempre acreditou em mim, celebrando cada conquista com alegria. Mãe, tua renúncia, tantas vezes silenciosa, fez florescer em mim a possibilidade de estar aqui, concluindo este curso. Tua força e amor são o alicerce da minha jornada.

À minha avó, Maria do Socorro, que com generosidade infinita, nunca hesitou em tirar do seu para me dar. Vó, teu coração generoso é uma bênção que carrego comigo, obrigada por me ensinar princípios que norteiam a mulher que sou hoje.

Ao meu pai, Raimundo, cujo exemplo de dedicação ao trabalho me ensinou que sonhos são para ser perseguidos e que realizá-los é sim, possível.

Aos meus tios e padrinhos, Gilberto Martins e Alana Araújo, minha gratidão. Foi através da vida e do exemplo de vocês que eu aprendi que é possível sonhar alto, mesmo quando o ponto de partida parece limitado. Vocês abriram caminhos que me inspiraram a acreditar que a vida pode, sim, ir além, que com esforço e dedicação, a realidade pode ser transformada.

À professora e orientadora querida, Sirlene Mota, que com seu amor pela profissão, me ensina que excelência e humanidade caminham juntas. Obrigada por me mostrar que ser uma boa profissional é, antes de tudo, ser um ser humano completo. Obrigada por ter sido uma excelente orientadora.

À professora querida Edith Ferreira, que enxergou em mim um potencial que eu mesma desconhecia. Através do seu olhar apaixonado pelo que faz, ajudou-me a desenvolver um olhar sensível e pensante, essencial para minha formação.

À professora querida Franci Rabelo, uma mulher sensível, que cuida de seus alunos/as com um coração atento e generoso. Você é uma referência para mim, iluminou minha jornada e me ajudou imensamente.

E a todos/as os/as outros/as professores/as que cruzaram meu caminho, minha profunda gratidão. Cada um/a de vocês, com suas lições e experiências, me ajudou a trilhar o caminho até aqui.

Aos meus amigos de caminhada, Thalyane Sousa, Lucas Sousa, Fernanda Moura e Gustavo Henrique, meu carinho e gratidão por estarem ao meu lado em cada conquista. Obrigada por celebrarem comigo com tanto amor e por serem amigos tão leais, a presença de vocês fez toda a diferença nessa jornada.

Aos meus amigos Rayssa e Pedro Sousa, mesmo de longe, sinto vocês sempre perto, celebrando cada conquista minha como se fosse de vocês. Essa conexão que temos é especial, e eu carrego no coração uma gratidão enorme por isso. Obrigada por estarem presentes, mesmo à distância, tornando essa caminhada mais leve e cheia de significado.

Aos meus pastores, Daniela e Fernando Borges, que me acolhem como uma filha na fé, obrigada por acreditarem em mim, por me guiarem com tanto carinho e por me lembrarem, com a vida de vocês, do cuidado e do amor de Deus.

Às amigas que a Universidade me deu, Andressa, Carolina, Danielle, Jaila e Rithala, que tornaram minha jornada acadêmica mais leve e gratificante. Obrigada por acreditarem em mim, tantas vezes mais do que eu mesma, e por serem essas companheiras incríveis e leais.

*“A infância é o chão sobre o qual caminharemos  
o resto de nossos dias”.*

- Lya Luft

## RESUMO

Este trabalho monográfico aborda a exposição precoce a conteúdos eróticos no desenvolvimento infantil, enfatizando a importância da educação sexual na escola como forma de mitigar os efeitos negativos dessas influências. O estudo objetiva de forma geral analisar as possíveis consequências da exposição precoce a conteúdos eróticos no desenvolvimento infantil, destacando as estratégias de intervenção que podem ser adotadas por professoras/es em suas práticas pedagógicas. E de forma específica: analisar as possíveis influências da mídia, especialmente da televisão, da rede social *TikTok* e da música, no desenvolvimento da sexualidade das crianças; perceber o que dizem as professoras participantes da pesquisa sobre a sexualidade e à exposição de conteúdos eróticos na infância; identificar estratégias utilizadas pela escola diante expressões consideradas impróprias a sexualidade e a precoce sexualização das crianças; sugerir alternativas sobre educação para a sexualidade na infância e de combate à exposição precoce a conteúdos eróticos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, análise documental e aplicação de questionários a professoras da educação infantil. As conclusões apontam para a necessidade de formação continuada de educadores/as, como forma de refletirem e buscarem alternativas para lidar de maneira eficaz e sensível com as questões de sexualidade na infância, prevenindo a suposta “normalização da sexualização”, promovida pelas mídias e promovendo um desenvolvimento infantil mais saudável.

**Palavras-chave:** conteúdos eróticos; educação sexual; desenvolvimento infanti

## **ABSTRACT**

This monograph addresses early exposure to erotic content in child development, emphasizing the importance of sex education in schools as a way to mitigate the negative effects of these influences. The study aims to analyze the potential consequences of early exposure to erotic content on child development, highlighting intervention strategies that can be adopted by teachers in their teaching practices. Specifically, it aims to analyze the potential influences of the media, especially television, the social network TikTok, and music, on the development of children's sexuality; to understand what the teachers participating in the study say about sexuality and exposure to erotic content in childhood; to identify strategies used by schools to address expressions considered inappropriate for sexuality and the early sexualization of children; and to suggest alternatives for sexuality education in childhood and to combat early exposure to erotic content. The research adopts a qualitative approach, utilizing a literature review, document analysis, and questionnaires administered to early childhood teachers. The conclusions point to the need for ongoing training for educators, as a way for them to reflect and seek alternatives to deal effectively and sensitively with issues of sexuality in childhood, preventing the supposed "normalization of sexualization" promoted by the media and promoting healthier child development.

**Keywords:** erotic content; sexual education; child development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> - Estudos publicados sobre mídia e sexualidade infantil, no Catálogo da Capes    | 28 |
| <b>Quadro 2</b> - Síntese do mapeamento de estudos publicados sobre Mídia e Sexualidade Infantil | 29 |
| <b>Quadro 3</b> - Estudos publicados sobre mídia e sexualidade na BDTD                           | 35 |
| <b>Quadro 4</b> - Produções selecionadas na BDTD.                                                | 36 |
|                                                                                                  |    |
| <b>Gráfico 1</b> - Etapas da Educação Infantil em que atuam as professoras participantes         | 60 |
| <b>Gráfico 2</b> - Tempo de atuação das participantes                                            | 61 |
| <b>Gráfico 3</b> - Influência de conteúdos eróticos, no comportamento das crianças               | 65 |
| <b>Gráfico 4</b> - Influências das mídias digitais na educação e sexualidade infantil            | 69 |

## **LISTA DE SIGLAS**

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

**DCNEI** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**SBT** - Sistema Brasileiro de Televisão

## SUMÁRIO

|                                                                                                 |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                             | <b>14</b> |
| 1.1 Caminhos metodológicos: da teoria à prática                                                 | 18        |
| <b>2 MÍDIA E SEXUALIDADE INFANTIL: uma análise de produções científicas</b>                     | <b>26</b> |
| 2.1 O que os trabalhos contam: uma análise do Catálogo da CAPES                                 | 27        |
| 2.2 Produções selecionadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)      | 34        |
| <b>3 JANELAS DIGITAIS: a influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade das crianças</b> | <b>39</b> |
| 3.1 A TV e suas influências                                                                     | 41        |
| 3.2 Tendência virais do TikTok e os estereótipos de beleza e sexualização                       | 45        |
| 3.3 De cantigas de roda a hits virais                                                           | 50        |
| 3.3.1 Da galinha Pintadinha à Mc Pipokinha: o funk proibidão como repertório musical infantil   | 52        |
| <b>4 EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS: quem se responsabiliza?</b>                                  | <b>56</b> |
| 4.1 O olhar das Professoras: o que elas compartilham                                            | 59        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                   | <b>73</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                              | <b>75</b> |
| <b>APÊNDICE A - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO</b>                                                     | <b>79</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

*“Todas as crianças crescem — menos uma.”  
— J.M. Barrie, Peter Pan, 1999*

Peter Pan<sup>1</sup> para mim<sup>2</sup> é mais do que um personagem de ficção; ele simboliza a resistência ao crescimento, o desejo de permanecer em um lugar onde a infância é eterna, livre das pressões e responsabilidades do mundo adulto. Criado por James Matthew Barrie, Peter representa uma infância preservada, uma tentativa de escapar daquilo que muitas vezes torna a vida adulta dura e inflexível. Mas será que ele realmente não queria crescer, ou apenas não queria perder a leveza e a liberdade que a infância lhe proporciona?

“Todas as crianças crescem — menos uma” (Barrie, 1999). Essa frase me faz refletir sobre o que significa, de fato, crescer. Durante muito tempo, amadurecer foi um processo natural, uma construção feita no ritmo de cada um. Mas hoje, à medida que a tecnologia digital se expande, as crianças são expostas a um volume de informações imenso, e nem sempre adequado para sua idade. Relembro a história de Peter Pan e me pergunto: se ele fugia da ideia de crescer, o que as crianças de hoje pensariam disso?

Diferente de Peter Pan, que lutava para preservar sua infância, as crianças de hoje parecem ser empurradas para fora dela antes do tempo. A proliferação de dispositivos eletrônicos e o uso intensificado deles levam as crianças a uma exposição precoce e a uma variedade de conteúdos, incluindo materiais de natureza adulta, como a pornografia. E isso acontece, muitas vezes, sem que elas tenham maturidade emocional e cognitiva para processar tais informações. A infância, que deveria ser um espaço protegido, passa a ser invadida por estímulos que aceleram um amadurecimento que não respeita o tempo natural da criança.

Diante desse cenário, os/as educadores/as precisam agir de forma rápida e com discernimento para protegê-las, compreendendo não apenas os riscos diretos

---

<sup>1</sup>*Peter Pan*, de James Matthew Barrie (1999), conta a história de um menino que se recusa a crescer e vive na Terra do Nunca, um lugar mágico onde a infância é eterna. Ele leva Wendy e seus irmãos para essa ilha, onde enfrentam aventuras com piratas, sereias e fadas. Enquanto Wendy percebe que crescer faz parte da vida, Peter escolhe permanecer criança para sempre, evitando as responsabilidades do mundo real.

<sup>2</sup> Optamos por escrever, em alguns momentos desta monografia, na primeira pessoa do singular e em outros na primeira pessoa do plural, considerando em alguns as vivências pessoais da autora e em outros, as contribuições da orientadora e de outras/os participantes da pesquisa.

da exposição a esses conteúdos, mas também as consequências emocionais e comportamentais que isso pode trazer. Como equilibrar a necessidade de preparar as crianças para o mundo sem roubar delas a essência da infância? Esse desafio se torna ainda mais complexo quando percebemos que, ao contrário de Peter Pan, as crianças de hoje não têm a opção de permanecer na Terra do Nunca, e muitas delas estão crescendo sem ao menos perceber o que estão perdendo.

Percebo que a idade em que as crianças começam a ter contato com conteúdos considerados inadequados para sua faixa etária está diminuindo, realçando a urgência de abordar esta questão de forma eficaz e compassiva. A necessidade de falar que conteúdos eróticos não são destinados para crianças não pode ser ignorada. Assim, deve ser reconhecida que a educação sexual e o comportamento responsável, especialmente considerando a era digital, devem ser adaptados à maturidade e compreensão de cada criança e sua faixa etária.

Um dos aspectos principais e importantes a serem considerados é o princípio do primeiro contato, que enfatiza as mensagens que uma criança recebe, e como elas podem construir a sua visão de mundo. Por isso, é fundamental que pais, mães, familiares, professores/as estejam vigilantes, sendo responsáveis pelo desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens, oferecendo orientação adequada para enfrentar os desafios que surgem no ambiente *on-line*.

É essencial desmistificar conceitos a respeito da educação sexual e da sexualidade, por isso, é fundamental abordar de forma científica e esclarecedora para que não haja distorções e má compreensão. Isso envolve fornecer informações confiáveis e relevantes, adaptadas à idade e nível de compreensão de cada criança e adolescente, permitindo-lhes fazer escolhas saudáveis à medida que crescem.

A tecnologia permeia o cotidiano de crianças desde cedo, e é cada vez mais comum que elas sejam expostas a imagens, vídeos e mensagens de cunho sexual, antes de estarem preparadas para compreendê-las de forma adequada. Esta exposição pode ocorrer de várias formas – pela internet, através das redes sociais; pela televisão, músicas, ou mesmo através de conversas realizadas em sala de aula e/ou sala de referência, entre as crianças, que levam para dentro do ambiente escolar informações baseadas em seu contexto social e familiar. As consequências da exposição prematura de conteúdos eróticos na infância podem ser prejudiciais e ter impactos duradouros no desenvolvimento infantil.

Durante o período em que a criança passa pela formação de valores e identidade, elas podem ser expostas a representações distorcidas e inadequadas da sexualidade, que pode levar a confusão e desorientação. Além de que, a exposição à pornografia pode levar a sexualização precoce, afetando negativamente os padrões comportamentais que podem interferir em seu desenvolvimento e em seus relacionamentos ainda na infância, na adolescência e vida adulta. Neste contexto, professores/as se tornam atores-chave no processo de identificação e intervenção nesse processo.

No entanto, esses/as profissionais enfrentam muitos desafios na tentativa de solucionar esse problema de forma eficaz. Professores/as são desafiados a fornecer a todo momento conhecimentos educativos, relevantes, significativos e apropriados à idade e à fase de desenvolvimento dos seus aluno/as e crianças, mas, a falta de formação adequada para levantar questões voltadas à sexualidade na infância, de forma sensível e informada é uma barreira, podendo dificultar a abordagem da questão.

Por isso, entendemos ser crucial a existência de pesquisas sobre como contribuir com esses/as profissionais para que possam abordar de forma eficaz as possíveis consequências da exposição precoce de conteúdos eróticos na infância.

Frequentemente a pergunta pela pornografia suscita discursos circulares ou falsas diatribes, nas quais, precisamente, aqueles argumentos que poderiam dar um giro ao debate são excluídos de antemão através de uma definição implícita da noção mesma de pornografia. Assistimos a uma saturação pornográfica (na representação, nos modos de consumo e distribuição da imagem) e, contudo, essa saturação vem acompanhada por uma rigorosa opacidade discursiva. A pornografia não é ainda considerada como um objeto de estudo cinematográfico, nem filosófico (Preciado, 2018, p. 24).

Esse trecho evidencia uma importante contradição: vivemos em uma sociedade saturada de imagens e conteúdos pornográficos, mas ainda resistimos a discutir esse fenômeno de maneira aberta, crítica e fundamentada. Essa “opacidade discursiva” mencionada na citação também se reflete na escola, onde educadores/as não são formados/as para tratar de forma responsável e consciente as influências da erotização precoce. Ao não reconhecer a pornografia como um objeto legítimo de estudo e análise, mantemos o tema envolto em silêncio, dificultando a criação de estratégias educativas eficazes para lidar com seus impactos, sobretudo na infância.

Entender as suas percepções, desafios e estratégias utilizadas para abordar esta questão é fundamental para o desenvolvimento de políticas educativas e programas de formação ao docente, para que promovam ambientes saudáveis e seguros para o bom desenvolvimento das crianças. Além disso, é necessário reconhecer que a exposição precoce da pornografia na infância não afeta a todas as crianças da mesma forma, fatores como idade, histórico familiar, maturidade emocional e nível socioeconômico podem influenciar nas formas como elas percebem e respondem a tais estímulos.

Outro aspecto importante a pensar é a colaboração estreita entre escola e família; pais e mães desempenham um papel fundamental na educação sexual de seus filhos, e os/as professores/as desempenham um papel de apoio, fornecendo informações precisas, orientando para como lidar com tais questões nas salas de aula e referência, em casa e com colegas de forma sábia e construtiva. Saber quais são as políticas e regulamentos locais e nacionais relacionados à educação sexual e para a sexualidade nas escolas pode contribuir na compreensão de limites éticos e legais das suas ações, bem como nas diretrizes para o desenvolvimento e implementação de programas de prevenção e intervenção.

Este tema começou a ser delineado ainda na disciplina de Pesquisa Educacional II, ministrada pela Prof. Dra. Sirlene Mota, quando os primeiros questionamentos surgiram a partir das leituras e reflexões propostas. Desde então, a inquietação cresceu e, já nesta monografia, sob orientação da mesma professora, tornou-se uma investigação mais aprofundada sobre os impactos da exposição precoce à erotização na infância.

Este trabalho monográfico identificou os desafios enfrentados por algumas professoras da Educação Infantil, e propôs possíveis alternativas que permitem lidar com a exposição precoce de crianças a conteúdos eróticos. Isto pode incluir o incentivo à implementação de programas de educação continuada para profissionais da educação, no desenvolvimento de materiais educativos apropriados e nas futuras parcerias com profissionais de outras áreas: psicologia, saúde, dentre outros especialistas em desenvolvimento infantil.

Compreender e abordar a exposição à pornografia na infância necessita do empenho de professores/as, pais e mães, profissionais da saúde e a comunidade em geral, pois entendemos que só assim poderemos garantir que as crianças

cresçam em ambientes seguros e saudáveis, livres de influências que possam prejudicar o seu desenvolvimento, fazendo com que elas vivam a infância da melhor forma possível. Pensando nisso, elencou-se a questão problema desta pesquisa: Quais os possíveis impactos da exposição precoce a conteúdos eróticos na infância e de que maneira professores e professoras podem intervir sobre tais questões em suas práticas pedagógicas?

Para responder a essa questão, estabelecemos objetivos fundamentais. Como objetivo geral destacamos: analisar as possíveis consequências da exposição precoce a conteúdos eróticos no desenvolvimento infantil, destacando as estratégias de intervenção que podem ser adotadas por professores/as em suas práticas pedagógicas. E nos objetivos específicos, temos:

- Analisar as possíveis influências da mídia, especialmente da televisão, da rede social *TikTok* e da música, no desenvolvimento da sexualidade das crianças;
- Perceber o que dizem as professoras participantes da pesquisa sobre a sexualidade e à exposição de conteúdos eróticos na infância;
- Identificar estratégias utilizadas pela escola diante expressões consideradas impróprias a sexualidade e a precoce sexualização das crianças;
- Sugerir alternativas sobre educação para a sexualidade na infância e de combate à exposição precoce a conteúdos eróticos.

Na subseção seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para conduzir esta pesquisa. Primeiramente, definimos o escopo do estudo, em seguida, detalhar as etapas de coleta de dados, incluindo a seleção da amostra e os instrumentos utilizados. Posteriormente, descrevemos com os dados e informações foram analisados, destacando as técnicas empregadas. Por fim, justificamos a escolha metodológica com base na relevância para o tema de pesquisa e na viabilidade prática.

### **1.1 Caminhos metodológicos: da teoria à prática**

A elaboração de uma monografia requer a definição da estrutura metodológica, uma vez que é importante descrever os procedimentos e abordagens usados no desenvolvimento da pesquisa proposta. Este estudo utilizou da abordagem qualitativa, Minayo (2014, p. 57), destaca que:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Esta pesquisa foi organizada com base em uma metodologia que combina algumas técnicas, visando ampliar o entendimento sobre as possíveis consequências dos conteúdos digitais no desenvolvimento das crianças. Primeiramente, foi feita uma revisão de literatura de autores/as como: Constantina Xavier Filha (2014), Guacira Lopes Louro (2003), Jimena Furlani (2011), Maria Juracy Filgueiras Toneli (2012), dentre outras/os que discutem conceitos fundamentais e pesquisas anteriores relacionadas ao assunto. Essa etapa permitiu contextualizar a pesquisa e identificar temas relevantes a serem explorados.

Além disso, foram examinados documentos educacionais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), a Resolução CNE/CEB nº 5/2009 (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e outros marcos normativos relevantes. Essa análise proporcionou uma compreensão sobre as diretrizes e práticas na educação infantil, permitindo identificar o grau de alinhamento, ou de divergência, entre as políticas públicas e os desafios vivenciados no cotidiano escolar.

A pesquisa também englobou a análise e publicações e interações em plataformas digitais e espaços virtuais, com ênfase nos conteúdos transmitidos na televisão e no aplicativo *TikTok* e músicas infantis disponíveis no *YouTube*. Esses canais de mídia foram selecionados por estarem presentes no dia a dia das crianças e pelo seu potencial de influenciar comportamentos, valores e percepções, particularmente em fases de formação.

Além disso, foi utilizado um questionário com perguntas fechadas e abertas, facilitando a comparação e análise dos resultados obtidos. Essa abordagem garantiu que todos os participantes fossem expostos ao mesmo conjunto de perguntas, assegurando a uniformidade e a objetividade na obtenção das informações necessárias para a pesquisa. De acordo com Severino (2013, p. 109):

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de

modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas.

O questionário foi elaborado e compartilhado utilizando a plataforma *Google Forms*, o que simplificou a criação e o gerenciamento das questões, além de facilitar o envio e recebimento das respostas de forma eficiente e organizada. Através do *Google Forms*, foi viável coletar dados em tempo real e realizar uma análise simplificada, uma vez que os resultados foram automaticamente compilados e disponibilizados para revisão e interpretação. Essa técnica possibilitou uma coleta de dados mais ágil e eficaz, garantindo a integridade e precisão das informações obtidas.

A análise dos dados coletados buscou identificar padrões e contradições entre a teoria e a realidade prática. Essa abordagem integrativa permitiu uma reflexão crítica sobre os desafios impostos pelo consumo desordenado de conteúdos digitais e suas implicações no desenvolvimento infantil, fornecendo subsídios relevantes para a discussão do tema.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

A revisão bibliográfica foi fundamental para oferecer uma base teórica ao trabalho, permitindo uma melhor compreensão das pesquisas já realizadas sobre o tema. Também possibilitou a identificação de lacunas existentes na produção acadêmica, o que contribuiu para a reflexão acerca de possíveis aportes a serem oferecidos. Além disso, serviu como ponto de partida para a construção da fundamentação teórica que orientará as próximas etapas da investigação.

A análise das fontes permitiu identificar tendências emergentes na área de estudo, contribuindo para um olhar mais atento e aprofundado sobre o tema. Essas observações auxiliaram no ajuste e refinamento das perguntas de pesquisa,

tornando-as mais precisas e direcionadas, além de possibilitar a formulação de hipóteses mais fundamentadas e alinhadas com as questões mais relevantes da atualidade.

Foi realizado um levantamento e análise de produções acadêmicas, organizando-os com base em aspectos do um Estado da Questão, conforme proposto por Nóbrega-Therrien; Therrien (2004), desenvolvido com o objetivo de mapear e analisar pesquisas que abordam a exposição precoce das crianças às mídias e o papel da educação sexual na infância. Essa etapa consistiu em um levantamento bibliográfico que buscou identificar não apenas as principais contribuições teóricas sobre o tema, mas também as lacunas existentes e os desafios apontados por estudiosos/as da área.

A finalidade do "estado da questão" é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se do momento por excelência que resulta na definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa" (Nóbrega-Therrien; Therrien, 2004, p. 7).

Através desse processo, compreendi melhor as metodologias utilizadas por outros/as pesquisadores/as e como elas poderiam ser adaptadas ou aprimoradas para o meu próprio trabalho. Isso não apenas enriqueceu o embasamento teórico, mas também destacou a importância de uma abordagem interdisciplinar para abordar as complexidades do tema em questão. Por outro lado, a Pesquisa documental é realizada a partir de documentos autênticos.

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...] (Pádua, 1997, p.62).

A Pesquisa documental cumpre um papel crucial na construção do conhecimento em diversas áreas acadêmicas, ao oferecer uma base consistente de evidências para a análise e interpretação de eventos históricos. Por meio da revisão, foi possível identificar e compreender a evolução de conceitos e práticas ao longo dos anos, contribuindo para os debates contemporâneos.

No contexto da educação sexual infantil, a pesquisa documental revela como

as abordagens têm mudado e se adaptado às necessidades e sensibilidades da sociedade atual. Essa análise é essencial para informar práticas educativas que promovam um ambiente seguro para as crianças. Essa pesquisa permite descrever e comparar diferentes aspectos relacionados aos conteúdos eróticos na infância e educação sexual infantil, estabelecendo tendências e padrões ao longo do tempo.

Para a composição da metodologia deste trabalho, foram adotadas abordagens que se conectam com o contexto atual das interações no *ciberespaço*, fundamentando-me nas perspectivas apresentadas por Danilo Oliveira, Luiza Silva-Silva e Shirlei Sales (2024), em seu livro *Metodologias de Pesquisas Científicas no Ciberespaço/Cibercultura*. As/o autoras/or analisam estratégias como a netnografia, a etnografia digital e a análise do discurso, que oferecem ferramentas valiosas para investigar fenômenos relacionados à exposição de conteúdos precoces na infância, especialmente em ambientes digitais.

Um aspecto fundamental ressaltado por Oliveira, Silva-Silva e Sales (2024) é a importância do conhecimento linguístico e cultural para compreender os fenômenos que ocorrem no *ciberespaço*.

Conhecimento linguístico é essa habilidade de compreender cada signo da linguagem que produz significados específicos em um contexto. O desconhecimento de um significado de um signo pode implicar em uma lacuna no processamento da leitura de um texto. O conhecimento de mundo refere-se a saber a função linguística, por exemplo, que um *emoji* ou um *gif* tem em um contexto de comunicação (Oliveira; Silva-Silva; Salles, 2024, p.29).

O conceito de conhecimento linguístico, conforme enfatizado por elas/e, é fundamental para entender como as crianças interpretam os signos presentes nos conteúdos digitais. Isso sugere que a compreensão dos conteúdos digitais vai além da simples decodificação de palavras; é crucial reconhecer os signos e atribuir a eles significados adequados ao contexto em que estão inseridos.

Contudo, para o público infantil, que ainda está em desenvolvimento cognitivo e cultural, essas habilidades podem não estar totalmente formadas. Isso implica que as crianças podem interagir com conteúdo sem compreender completamente o significado de signos como *emojis*, *gifs* e memes, o que pode resultar em lacunas interpretativas. Essas lacunas são especialmente preocupantes quando os conteúdos incluem elementos erotizados, violentos ou inadequados para a sua faixa etária, pois as crianças podem absorver essas mensagens sem um filtro crítico.

A metodologia utilizada aqui tem como intuito perceber de que maneira essas lacunas interferem na formação das percepções e comportamentos das crianças, proporcionando uma compreensão mais abrangente sobre os efeitos da exposição precoce a conteúdos que podem ser prejudiciais ao desenvolvimento infantil.

No desenvolvimento do estudo também foi realizada análise de propagandas infantis, programas de TV, desenhos animados e novelas que integram o universo infantil, com o objetivo de compreender como esses conteúdos podem influenciar o desenvolvimento das crianças, dos quais se destacam: o desenho *Três Espiões Demais* e as novelas *Carrossel* e *Cúmplices de um Resgate*. Tais conteúdos foram observados, considerando que, embora sejam voltados ao público infanto-juvenil, podem influenciar as crianças de diferentes formas, seja de maneira positiva ou negativa.

Em relação à organização deste trabalho monográfico, este está dividido em cinco seções. A Introdução apresenta a justificativa para a escolha do tema, os objetivos do trabalho, os problemas investigados e as suposições que fundamentam a pesquisa, além de fornecer uma visão geral das seções subsequentes. Na subseção **Caminhos Metodológicos**, são detalhados os métodos adotados durante a pesquisa e sua contribuição para o direcionamento do desenvolvimento do estudo.

A seção intitulada **Mídia e Sexualidade Infantil: uma análise de produções científicas** tem como objetivo compreender como a temática vem sendo abordada na produção acadêmica. Com base na revisão bibliográfica e na análise dos dados coletados, são investigados os principais debates e abordagens acerca da relação entre mídia e sexualidade infantil. A seção está organizada em duas partes: **O que os trabalhos contam: uma análise do Catálogo da CAPES**, que examina dissertações e teses disponíveis nesse repositório; e **Explorando produções acadêmicas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**, que amplia a análise para outras pesquisas relevantes sobre o tema.

A seção **JANELAS DIGITAIS: a influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade das crianças** dedica-se a analisar com maior atenção o papel da mídia na formação da sexualidade infantil. Considerando o contexto atual, em que as telas estão cada vez mais presentes no cotidiano das crianças, observa-se a abertura de "janelas digitais" por onde circulam mensagens, comportamentos e referências que influenciam diretamente a forma como elas percebem o mundo e a si mesmas.

Dividimos essa discussão em três partes: **A TV e suas influências** onde vejo como personagens, tramas e publicidades afetam a forma como as crianças compreendem a sexualidade e como se comportam diante disso; **Tendências virais do TikTok e os estereótipos de beleza e sexualização**, que reflete sobre os impactos das redes sociais na construção da autoimagem; e **De cantigas de roda a hits virais** que traz à tona mudanças nos conteúdos musicais consumidos pelas crianças, com destaque para a subseção **Da Galinha Pintadinha à MC Pipokinha: o funk proibidão como repertório musical infantil**, em que pensamos sobre o acesso precoce a letras e imagens marcadas pela sexualização, músicas para adultos que ganharam popularidade no meio infantil.

E, por fim, chegamos à última seção deste trabalho: **Educação Sexual das Crianças: quem se responsabiliza?** Aqui, apresentamos os resultados da pesquisa realizada com Professoras da Educação Infantil que gentilmente responderam ao questionário proposto. Suas vozes, experiências e percepções ajudam a lançar luz sobre como a temática da sexualidade é (ou não) trabalhada no contexto escolar, e quais desafios se colocam no dia a dia dessas profissionais.

Esta seção está dividida em duas partes: **O poder educativo das/os professoras/es**, que discute o papel central que educadoras e educadores podem (e devem) exercer na formação integral das crianças, inclusive no que diz respeito à sexualidade; **No olhar das Professoras: o que elas compartilham**, onde damos espaço às falas das participantes da pesquisa, valorizando seus relatos, preocupações, inseguranças e suas potências enquanto agentes formadoras/es de sentidos e saberes na infância.

Nas **considerações finais**, as quais são reunidas as principais reflexões construídas ao longo do trabalho. Nesse momento, retomamos o objetivo da pesquisa e refletimos sobre os aprendizados obtidos a partir da análise teórica e dos dados coletados. Com base no que foi discutido, reafirma-se a importância de proteger a infância, de que nem todas as coisas são para as crianças, e de reconhecer os riscos que a exposição precoce a conteúdos eróticos pode trazer para o desenvolvimento infantil. Também são destacadas a importância do diálogo entre escola e família, o papel dos adultos na educação sexual das crianças e a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis e alinhadas com a realidade atual. As considerações finais não apenas encerram a pesquisa, mas também buscam provocar novos olhares e inspirar outras iniciativas que cuidem da infância com mais

presença, responsabilidade e amor.

A seguir, a seção intitulada “Mídia e Sexualidade Infantil: uma análise de produções científicas” tem como objetivo aprofundar a discussão acerca das relações entre mídia e sexualidade na infância, a partir de uma revisão das pesquisas acadêmicas já consolidadas sobre o tema. Com base em trabalhos localizados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Essa análise busca mapear os principais olhares e contribuições que vêm sendo produzidos no campo da educação, e serão observadas as abordagens teóricas utilizadas, as metodologias adotadas e os principais resultados e reflexões apresentados pelos pesquisadores. Ao reunir esses estudos, pretende-se evidenciar como a presença e o consumo de conteúdos midiáticos influenciam a construção da sexualidade infantil, bem como identificar lacunas e possibilidades para novos diálogos e investigações dentro desse campo complexo e urgente.

## 2 MÍDIA E SEXUALIDADE INFANTIL: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

*“Eu sei que sou um grande covarde... Me desculpa, eu só queria ter coragem.” — L. Frank Baum, O Mágico de Oz, 2013*

Na clássica história de *O Mágico de Oz*<sup>3</sup>, o Leão<sup>4</sup> personifica o medo de enfrentar desafios e, ao mesmo tempo, o desejo de transformá-lo em coragem. De forma similar, ao tratar de temas delicados e complexos, como a exposição precoce de crianças a conteúdos eróticos e a influência disso em seu desenvolvimento, é necessário um posicionamento corajoso (Baum, 2013).

Pesquisar e discutir questões que envolvem infância, educação e sexualidade exige ultrapassar barreiras sociais e culturais, além de assumir a responsabilidade de trazer à luz realidades que muitos evitam encarar. Assim como o Leão, enfrentamos nossos próprios receios em busca de coragem, porque apenas com ela podemos dar passos significativos rumo a uma sociedade mais atenta e cuidadosa com as suas crianças.

Falar sobre a mídia e a sexualidade infantil pode ser uma questão sensível, mas fundamental. As crianças, com sua curiosidade natural, estão cada vez mais expostas a uma quantidade alarmante de conteúdos midiáticos, que nem sempre são apropriados para a sua faixa etária. Plataformas como *TikTok*, e as mídias mais “tradicionais” como a televisão, estão ainda mais comuns na rotina, e acabam por moldar comportamentos, influenciar valores e até formar percepções sobre o mundo e sobre elas mesmas frequentemente de maneira precoce e inadequada.

Examinar essa relação requer uma análise do que já foi produzido academicamente: artigos, dissertações e teses. Essas pesquisas podem não apenas destacar preocupações, como a normalização de danças, gestos e temas erotizados, mas também revelar lacunas significativas. Onde estão as estratégias

---

<sup>3</sup>O *Mágico de Oz* é uma história que segue a jornada de Dorothy, uma menina que, depois de ser levada por um ciclone para o mundo mágico de Oz, encontra três amigos em busca de algo que acreditam não ter: o Espantalho quer um cérebro, o Homem de Lata deseja um coração e o Leão Covarde, coragem. Juntos, eles partem para encontrar o Mágico de Oz, acreditando que ele pode ajudá-los a conquistar o que tanto desejam. No fim, descobrem que o que procuravam já estava dentro deles o tempo todo, e a verdadeira transformação acontece ao longo da jornada. A história, cheia de metáforas sobre autoconhecimento, é um convite a enfrentarmos nossos medos e a acreditarmos na nossa capacidade de mudança (Baum, 2013).

<sup>4</sup> O Leão Covarde é grande e imponente por fora, mas inseguro e medroso por dentro. Apesar de sua aparência feroz, ele se vê como fraco e busca coragem para superar seus medos, descobrindo, ao longo da jornada, que a verdadeira coragem vem de agir apesar do medo (Baum, 2013).

educativas mais eficazes? E as políticas públicas que poderiam resguardar essas crianças? Não podemos deixar de ponderar sobre o papel de todos nós, adultos, nesse contexto.

Explorar produções acadêmicas por meio do Estado da Questão, vai além de simplesmente situar essa pesquisa no que já foi discutido. Trata-se de buscar caminhos, ideias e inspirações que nos permitam agir. Em tempos de telas e cliques incessantes, compreender essa influência é um passo vital para desenvolver práticas que protejam as crianças e proporcionem a elas um espaço para crescer com a leveza e a segurança que a infância merece.

O estudo foi pensado como uma oportunidade para explorar e entender melhor a realidade que envolve a exposição de crianças a conteúdos midiáticos e a importância da educação sexual nesse contexto. Para isso, segue uma abordagem exploratória e conduz uma pesquisa bibliográfica no formato Estado da Questão, com base nas orientações de Nóbrega-Therrien e Therrien (2004).

Durante o processo, selecionamos produções acadêmicas disponíveis no Catálogo da CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo foi mapear trabalhos que dialogassem diretamente com o tema e identificar os principais desafios e implicações da exposição a conteúdos eróticos. Esses estudos não apenas ampliaram meu entendimento, mas também trouxeram à tona a relevância de uma educação sexual intencional e fundamentada, especialmente dentro do ambiente infantil.

Mais do que dados e teorias, o estudo destacou a importância dos/as professores/as e das famílias nesse processo. São eles/as que, com ações direcionadas e conscientes, ajudam a construir bases sólidas para o desenvolvimento das crianças. Acredito que compreender e valorizar esses papéis é essencial para enfrentar os desafios que o tema propõe e para promover uma educação mais responsável e protetiva.

## **2.1 O que os trabalhos contam: uma análise do Catálogo da CAPES**

Pesquisar no Catálogo da CAPES é como entrar em um vasto universo repleto de ideias e descobertas. Cada pesquisa ali pode ser uma peça do quebra-cabeça do conhecimento que acumulamos ao longo do tempo. Além disso, por trás de cada título, há o empenho de pessoas que, assim como eu, buscam

respostas para questões que consideram relevantes.

Quando decidimos explorar os trabalhos disponíveis, nosso objetivo não era apenas entender o que já foi produzido, mas também enxergar como essas produções dialogam com o tema que estamos investigando neste estudo monográfico, destacando: quais caminhos esses estudos seguiram? Que lacunas ainda permanecem? Mais do que números ou estatísticas, mas sentir o que essas pesquisas têm a nos dizer.

Essa análise permitiu perceber tendências, e até algumas repetições. Cada trabalho, de alguma forma, carrega um pedaço do cenário atual e, ao mesmo tempo, aponta o que ainda precisamos explorar. É nesse movimento de leitura e reflexão que surge a inspiração para a construção de um olhar mais crítico e sensível sobre os efeitos da mídia na sexualidade infantil.

Para realizar esta pesquisa, buscamos artigos, teses e dissertações disponíveis no Catálogo da CAPES, especificamente na área de Educação, abrangendo o período de 2019 a 2023. A busca foi guiada por descritores como “sexualidade infantil”, com 47 (quarenta e sete) trabalhos, “educação sexual na infância”, com 11 (onze) trabalhos, e “infância, mídia e sexualidade”, que resultou em 1 (um) trabalho. Percebemos que muitos desses trabalhos se repetiam entre os descritores.

Dentre os trabalhos encontrados, selecionamos 5 (cinco) que consideramos mais relevantes para aprofundar a discussão. Esses estudos serviram como base para a construção desta pesquisa, oferecendo perspectivas enriquecedoras sobre o impacto da mídia na sexualidade infantil e os caminhos possíveis para uma educação mais consciente e protetiva.

Na análise dos trabalhos, focamos nos resumos, nas introduções e nas conclusões dos artigos, dissertações e teses, priorizando os objetivos específicos estabelecidos na pesquisa. Após a representação dos dados nos quadros, os trabalhos serão comentados, com destaque para suas contribuições, implicações e relação com o tema da pesquisa. Os dados obtidos foram organizados nos quadros a seguir:

**Quadro 1** - Estudos publicados sobre mídia e sexualidade infantil, no Catálogo da Capes

| Base de busca    | Resultados encontrados | Relacionados à temática |
|------------------|------------------------|-------------------------|
| Periódicos CAPES | 59                     | 5                       |

*Fonte: Organizado pela autora, 2025.*

O Quadro 1 traz os resultados de uma busca realizada no Catálogo de Periódicos da CAPES, no período de 2019 a 2024, com o intuito de localizar estudos que dialogassem com a temática da mídia e da sexualidade infantil. O levantamento resultou em 59 publicações, entretanto, ao realizar uma leitura mais atenta dos títulos, resumos e palavras-chave, foi possível perceber que apenas 5 estudos se aproximavam efetivamente do recorte temático proposto nesta pesquisa.

Esse dado revela uma produção ainda tímida e dispersa no campo, o que reforça a relevância de aprofundar investigações que considerem os impactos da mídia na formação da sexualidade de crianças, especialmente diante do crescimento do consumo digital desde os primeiros anos de vida.

Na sequência, o Quadro 2 apresenta uma síntese dos estudos selecionados, buscando evidenciar as principais abordagens, metodologias e contribuições de cada trabalho mapeado, com o objetivo de compreender de que forma a temática tem sido tratada na produção acadêmica recente.

**Quadro 2** - Síntese do mapeamento de estudos publicados sobre Mídia e Sexualidade Infantil

| Autoras                             | Título                                                                                                                              | Ano  |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Ariane Crociari                     | INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES E AÇÕES NA E PARA A FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO                                   | 2020 |
| Maria Angélica Brizolari Pongeluppe | O FUNK DE MC MELODY: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE MÍDIA, E SEXUALIDADE E INFÂNCIA                                                         | 2020 |
| Maria Fernanda Celli De Oliveira    | SEXUALIDADE, GÊNERO E INFÂNCIA: A RELAÇÃO ESCOLA, FAMÍLIA E PEDIATRIA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL           | 2021 |
| Camila Campos Vizzotto Alduino      | AFINAL, OS ANJOS TÊM SEXO? CONCEPÇÕES E AÇÕES FORMATIVAS SOBRE A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA EM UMA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL | 2021 |
| Gabriela Neves Paula de Souza       | GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO EM MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: CORPOS QUE EXISTEM E RESISTEM                                             | 2021 |

*Fonte: Organizado pela autora, 2025.*

Durante o levantamento realizado para compor o estado da questão, foi

possível identificar uma lacuna importante nas produções acadêmicas dos anos de 2019, 2022, 2023 e 2024, especificamente sobre a temática da sexualidade infantil relacionada às mídias. Essa ausência pode estar relacionada a diversos fatores. Em 2019, o debate sobre sexualidade infantil ainda era cercado por muitos tabus e incompreensões.

Para algumas pessoas, falar sobre sexualidade infantil é erroneamente entendido como ensinar sobre sexo, quando, na verdade, trata-se de promover conhecimento, proteção e desenvolvimento saudável. Esse equívoco pode ter contribuído para o silenciamento da temática em muitos espaços acadêmicos. Já em 2022 e 2023, embora os debates sobre infância e tecnologia tenham ganhado força, o foco das pesquisas parece ter se voltado a outras urgências, como os efeitos do pós-pandemia na saúde emocional e na aprendizagem das crianças. Além disso, o enfrentamento de temas sensíveis como a erotização precoce na infância ainda encontra resistência social e institucional. Essa lacuna, portanto, evidencia a necessidade de ampliar o debate e investir em pesquisas comprometidas com a defesa dos direitos das crianças, como propõe este trabalho. A seguir, apresento os trabalhos que selecionei para análise e que dialogam com a proposta desta pesquisa.

Na dissertação "Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo", Ariane Crociari (2020), destaca a relevância da educação sexual na formação dos/as educadores/as da Educação Infantil, considerando a infância um período crucial para o desenvolvimento de uma compreensão saudável sobre o corpo, os afetos e o respeito às diferenças. Ela defende que a formação dos pedagogos deve ir além de aspectos técnicos, incorporando uma reflexão crítica sobre como as questões de sexualidade e gênero impactam as crianças.

Para tal feito, faz-se necessário a formação do profissional educacional na área a fim de identificar em suas práticas, elementos eficazes para amenizar, desde a tenra idade, relações discriminatórias, contribuindo para o amparo e desenvolvimento pleno de seus alunos.

O processo de formação docente encontra-se defasado no tocante às questões relacionadas à sexualidade, o que ocasiona uma série de lacunas prejudiciais ao trabalho pedagógico. Há especificidades de valor elogiável que precisam ser consideradas no processo de formação inicial dos professores, uma vez que tais profissionais precisam estar capacitados para refletir conhecimentos pertinentes (Crociari, 2020, p.51).

Crociari (2020) evidencia uma realidade de que os profissionais da educação ainda não têm recebido, durante sua formação, subsídios suficientes para lidar com questões relacionadas à sexualidade de forma segura, acolhedora e ética. Essa ausência de preparo impacta diretamente o cotidiano escolar, pois dificulta o reconhecimento de práticas discriminatórias e a promoção de um ambiente saudável e respeitoso para todas as crianças, desde os primeiros anos de vida.

A autora enfatiza que a educação sexual não deve ser apenas normativa, mas sim um espaço de diálogo e aprendizagem que promova respeito e conhecimento. Para Crociari, os educadores precisam ser preparados para tratar esses temas com sensibilidade e responsabilidade, e oferecendo uma abordagem ética que contribua para o desenvolvimento de uma visão respeitosa e consciente das crianças sobre si mesmas e os outros.

No trabalho “O Funk de MC Melody: problematizações sobre mídia, sexualidade e infância”, Pongeluppe (2020), faz uma análise sobre como a imagem da MC Melody, uma criança que se tornou um ícone do *funk* nas redes sociais, se mistura com questões sobre sexualidade e mídia. A autora discute como a exposição dessa artista mirim reflete um cenário em que a infância é constantemente manipulada pela lógica da visibilidade e da consumação midiática, onde a linha entre infância e sexualização infelizmente tem se tornado tênue. Ela alerta para quanto esse tipo de exposição precoce afeta a construção da identidade da criança e a forma como ela é percebida pelo público.

A partir de teorias de gênero e cultura, Pongeluppe analisa o papel da mídia na formação da subjetividade infantil, especialmente no contexto do *funk*. MC Melody não é apenas uma figura pública; ela é, muitas vezes, um produto dessa lógica que exige das crianças comportamentos e posturas mais "adultas". A autora observa como essa "adulterização" da infância, visível principalmente nas redes sociais, acaba sendo naturalizada, transformando a criança em uma figura sexualizada antes mesmo de entender o próprio corpo. Essa hibridização entre o infantil e o adulto é uma das questões centrais do trabalho.

A crescente adulterização de crianças e adolescentes pode fazer com que sejam vítimas, para além de comentários libidinosos em redes sociais. São caracterizações e produções corporais que causam efeitos produzidos na esteira cultural e social. Vemos imagens que nos colocam problemas por nós conhecidos – como o chamado à exposição de corpos – sejam de crianças ou de adultos, principalmente de mulheres desde que dentro de determinados padrões [...] (Pongeluppe, 2020, p.182).

A análise de Pongelupe revela um cenário preocupante, marcado pela adultização precoce dos corpos infantis, muitas vezes incentivada por padrões estéticos e culturais disseminados nas redes sociais. Essa exposição vai além da aparência, ela invade o campo da vulnerabilidade, colocando meninas e meninos sob o risco de serem alvo de olhares erotizados e comentários inapropriados, especialmente quando suas imagens circulam dentro de padrões considerados socialmente “aceitáveis” ou desejáveis. Trata-se de uma forma sutil de violência simbólica<sup>5</sup>, que afeta diretamente a forma como a infância é vivida e percebida.

A reflexão de Pongelupe também questiona o papel da escola e dos educadores nesse cenário, onde a mídia exerce um controle tão grande sobre as crianças. A autora sugere que é urgente repensarmos a educação sexual e como as tecnologias impactam as novas gerações. O trabalho não só nos convida a pensar sobre as influências externas, mas também sobre como podemos proteger a infância de uma realidade que está cada vez mais moldada por comportamentos que não são saudáveis para o desenvolvimento infantil. Essa é uma discussão que, com certeza, merece nossa atenção e mais reflexão.

A dissertação de Maria Fernanda C. Oliveira (2021), *Sexualidade, gênero e infância: a relação escola, família e pediatria na Educação Sexual de crianças da Educação Infantil*, aborda a complexa relação entre a Educação Sexual e as diferentes instâncias responsáveis pela formação e proteção das crianças, como a escola, a família e a área da saúde, com foco especial na pediatria.

A pesquisa, fundamentada nas teorias de Pierre Bourdieu (1930-2002), explora os conceitos de *habitus* e capital cultural, destacando os desafios de implementar uma Educação Sexual eficaz desde a Educação Infantil. A autora revela o despreparo dos profissionais - professores/as, psicólogos/as e médicos/as pediatras - para lidar com questões de sexualidade e gênero, o que resulta em uma falta de articulação entre esses setores e uma negação do tema, apesar de sua importância crucial.

Oliveira (2021) aponta que, embora o tema seja amplamente reconhecido como essencial, há grande resistência em abordá-lo, tanto na escola quanto na

---

<sup>5</sup>Segundo Pierre Bourdieu, o *habitus* é um conjunto de comportamentos, percepções e gostos que desenvolvemos ao longo da vida, influenciados pelas experiências sociais que vivemos — como a família, a escola e o meio em que estamos inseridos. Essas disposições moldam nossas escolhas e ações, mesmo sem que a gente perceba conscientemente (Bourdieu, 1989).

família. Embora muitas famílias reconheçam a importância da Educação Sexual, elas não se sentem capacitadas para tratá-la, transferindo essa responsabilidade para a escola, que também carece de preparação.

A pesquisa destaca que o cenário contemporâneo, marcado pela pandemia de COVID-19, agravou ainda mais a situação, com discursos de políticos que a educação sexual é ensinar a fazer sexo. Isso impede a promoção de uma Educação Sexual adequada nas escolas, prejudicando o desenvolvimento das crianças e da sociedade. Oliveira defende que a solução para essa crise está na atuação conjunta entre as instâncias familiar, escolar e médica, promovendo uma educação mais inclusiva e segura, que respeite e proteja a sexualidade infantil como um direito fundamental.

Transferência de responsabilidades, ausência de ação e desconhecimento não promoverão a formação integral dos indivíduos e nem protegerão a infância! E é nesta constante busca por “responsáveis” que finalizamos esta investigação e seguimos na incessante tentativa de responder a todas essas questões, defendendo constantemente a importância e necessidade da Educação Sexual para as crianças, como um direito delas e dever de toda a sociedade (Oliveira, 2021, p. 168).

A autora finaliza sua reflexão com um chamado firme e necessário: transferir responsabilidades, silenciar diante da urgência e permanecer no desconhecimento não são caminhos que garantirão o desenvolvimento saudável das crianças nem a proteção de sua infância. Ela nos lembra que a formação integral dos indivíduos exige ação, escuta, preparo e compromisso, especialmente quando falamos de temas delicados como a sexualidade.

O texto de Camila Alduino (2021), "Afim, os anjos têm sexo? Concepções e Ações Formativas sobre a Sexualidade na Infância em uma Rede Municipal de Educação Infantil", reflete profundamente sobre como a sexualidade infantil é percebida no contexto da Educação Infantil. Ela explora um projeto de intervenção que busca sensibilizar e educar as educadoras para lidar com as manifestações sexuais das crianças, destacando como as concepções sobre sexualidade são moldadas por fatores culturais, sociais e históricos.

O estudo revela que, para muitas educadoras, as crianças são vistas como seres assexuados, o que leva à interpretação das manifestações sexuais como algo que vem de influências externas, como a mídia ou o ambiente familiar. Isso resulta em reações punitivas e repressivas quando as crianças expressam comportamentos que poderiam estar relacionados à sua sexualidade, o que pode afetar o seu

desenvolvimento integral.

Camila nos provoca a refletir sobre a importância de incluir discussões sobre sexualidade infantil na formação continuada das educadoras. A pesquisa aponta que a falta de preparação e a resistência a esses temas dificultam o reconhecimento e o acolhimento adequado das manifestações sexuais das crianças, o que impacta diretamente no seu bem-estar emocional e psicológico.

[...] o senso comum parece não considerar toda esta amplitude e comumente restringe e relaciona a sexualidade estritamente às questões biológicas e ao sexo propriamente dito, e desconsideram as outras dimensões tão importantes e necessárias ao nos aprofundarmos neste complexo tema. Neste sentido, considerar a sexualidade como condições que endereçam somente a uma sexualidade genital é certamente desconsiderar por completo a existência de sexualidade na infância e suas diversas e diferentes manifestações (Alduino, 2021, p.40).

A dissertação de Gabriela Neves Paula de Souza, intitulada “*Gêneros, sexualidades e educação em memórias de infância: corpos que existem e resistem*”, propõe uma reflexão profunda e politicamente engajada sobre os silenciamentos impostos a infâncias que transgridam as normas de gênero e sexualidade. A partir de narrativas reais, incluindo a da própria autora, a pesquisa denuncia os sofrimentos vividos por crianças que não se encaixam na idealização heteronormativa e binária da infância. Enraizada nos estudos de gênero, nos referenciais decoloniais e nos aportes de autoras como Judith Butler e bell hooks<sup>6</sup>, a autora questiona os regimes de verdade que legitimam exclusões e violências históricas, especialmente no contexto educacional brasileiro.

A autora reforça o caráter ético e político de sua escrita, que assume o lugar da experiência e da memória como formas legítimas de produção de conhecimento. Ao denunciar as violências simbólicas e concretas vividas por corpos infantis que fogem à norma, Gabriela propõe uma educação comprometida com os direitos humanos e com a pluralidade dos modos de existir. Sua dissertação se apresenta como resistência à ciência hegemônica e como convite para que a escola seja um espaço de acolhimento, escuta e transformação social.

---

<sup>6</sup> bell hooks, com todas as letras minúsculas, é o pseudônimo escolhido pela autora e ativista Gloria Jean Watkins para assinar suas obras. A escolha do nome em minúsculas é um ato político, uma forma de desviar a atenção do indivíduo e focar no conteúdo e nas ideias que ela apresenta em seus trabalhos.

## 2.2 Produções selecionadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

A partir da utilização da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foi possível ampliar o escopo da pesquisa, contemplando outros trabalhos que abordam temáticas semelhantes. Essa ampliação proporcionou uma visão mais abrangente sobre as investigações já realizadas, as metodologias adotadas e as discussões que ainda permanecem em aberto.

Ao pesquisar na BDTD, foi utilizado os descritores "infância, mídia, e sexualidade", restringindo a busca aos anos de 2019 a 2023. Obtivemos 24 resultados, sendo que alguns trabalhos já haviam sido encontrados na plataforma da CAPES, enquanto outros não dialogavam diretamente com o que eu queria. Em seguida, ampliei o intervalo de anos, buscando trabalhos de 2014 a 2024, o que gerou 51 resultados. Desses, selecionei três teses que dialogam diretamente com o meu tema, as quais considero relevantes e vale a pena destacar aqui.

A seguir, organizamos os dados obtidos nos quadros para uma visualização mais clara. Após a apresentação dos dados, analisamos dos trabalhos selecionados, destacando suas principais contribuições, implicações e a forma como se relacionam com o tema da pesquisa.

**Quadro 3** - Estudos publicados sobre mídia e sexualidade na BDTD

| Base de busca | Resultados encontrados | Relacionados à temática |
|---------------|------------------------|-------------------------|
| BDTD          | 51                     | 3                       |

*Fonte:* Organizado pela autora, 2025

Durante o levantamento realizado entre os anos de 2019 a 2024, a busca por produções acadêmicas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) resultou em 51 trabalhos inicialmente identificados. No entanto, ao aplicar os critérios de seleção com foco na temática da sexualidade e sua relação com a mídia, apenas 3 estudos se mostraram diretamente alinhados aos objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que alguns desses trabalhos também foram localizados em outras plataformas de busca, o que contribuiu para uma visão mais ampla, mas também revelou a escassez de produções que tratem dessa temática de forma aprofundada, especialmente quando se trata do público infantil e das influências

mediáticas.

O quadro a seguir apresenta detalhadamente as produções selecionadas na BDTD, de acordo com o tema trabalhado nesta pesquisa, permitindo uma análise mais específica e contextualizada dessas contribuições acadêmicas sobre sexualidade e mídia no universo infantil.

**Quadro 4** - Produções selecionadas na BDTD.

| <b>Autoras</b>                         | <b>Título</b>                                                                          | <b>Ano</b> |
|----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Itamar José Valério Júnior             | “CRIANÇAS ESTILOSAS”: IMAGENS DE INFÂNCIA NAS REDES SOCIAIS                            | 2016       |
| Flávia Marcele Cipriani                | IMAGEM CORPORAL NA INFÂNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA                              | 2016       |
| Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes | DISCURSOS SOBRE A TEMÁTICA DO ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E DA PEDOFILIA NA MÍDIA ESCRITA | 2017       |

**Fonte:** Organizado pela autora, 2025

Na dissertação “Crianças Estilosas: Imagens de Infância nas Redes Sociais”, Itamar Valério Júnior (2016) aborda um tema muito atual e delicado: a exposição de crianças nas redes sociais e a transformação da infância em objeto estético. Ele discute como as imagens compartilhadas muitas vezes deixam de representar a criança em sua espontaneidade para moldá-la dentro de padrões que refletem ideais adultos, ligados ao consumo e à performance.

É interessante perceber como Valério Júnior analisa o papel dos responsáveis nesse contexto, destacando a responsabilidade dos adultos em construir e alimentar essas narrativas visuais. Ele aponta que a infância, ao ser constantemente filtrada e projetada nas redes sociais, acaba sendo capturada por lógicas mercadológicas que pressionam as crianças a performar uma identidade que nem sempre corresponde à sua realidade. De acordo com ele: *“A escola não pode ficar de fora dos debates sobre a infância nas redes sociais. É no ambiente escolar que se necessita levantar questões para se discutir a relação e a exposição da criança nas mídias tecnológicas (p.54).”*

O estudo levanta questões importantes, como até que ponto essa exposição pode impactar a formação da identidade infantil e o que isso significa para a infância em um mundo tão mediado pelas tecnologias. É uma análise que provoca um olhar crítico sobre como a sociedade, como um todo, vem participando dessa construção

visual da infância, muitas vezes sem refletir sobre as consequências disso.

O trabalho "Imagem Corporal na Infância: Uma Investigação Qualitativa", de Flávia Marcele Cipriani, apresenta uma relevante contribuição para o entendimento sobre a formação da imagem corporal em crianças de 6 a 8 anos. O estudo evidencia como sentimentos, crenças e comportamentos relacionados à aparência física são influenciados por fatores como família, amigos e mídia, revelando uma complexa teia de interações que moldam a percepção das crianças sobre seus próprios corpos.

A aparência física, desde a infância, pode ser considerada importante para o ser humano, seja em relação ao que ele é para si ou para os outros. Antes da concepção, a criança já possui um esboço de uma imagem, construída por pais e familiares, influenciados, fortemente, pela cultura (Cipriani, 2016, p34).

A abordagem qualitativa, utilizando grupos focais e entrevistas semiestruturadas, permitiu captar com sensibilidade as nuances desse processo, destacando a importância de metodologias adequadas para investigar questões tão delicadas.

A pesquisa avança ao explorar as diferenças de gênero no julgamento da imagem corporal. As análises revelaram preocupações distintas entre meninos e meninas, como a associação da magreza e dos cabelos à beleza nas falas das meninas e a ênfase dos meninos na muscularidade, cor da pele e habilidades relacionadas a personagens da mídia. É particularmente impactante a constatação de que, mesmo em idades tão precoces, surgem comportamentos e discursos relacionados à sexualidade, homossexualidade e erotização. Esses achados evidenciam como os padrões sociais e midiáticos influenciam a infância, reforçando estereótipos e alimentando expectativas irreais que podem impactar negativamente o bem-estar das crianças.

Por fim, o estudo destaca a necessidade de ampliar o alcance das investigações sobre a imagem corporal infantil, sugerindo a realização de pesquisas em diferentes regiões do Brasil, com amostras maiores e instrumentos ainda mais específicos para essa faixa etária. Além disso, aponta para a importância de programas educativos voltados à promoção da saúde e ao suporte às famílias. Essa dissertação não apenas aprofunda o conhecimento sobre a imagem corporal na infância, mas também traz uma perspectiva prática ao propor intervenções que podem prevenir transtornos futuros e promover uma infância mais saudável e

equilibrada.

A tese "Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita", de Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes, aborda um tema de extrema relevância e urgência social. A autora explora como a mídia escrita constrói narrativas sobre o abuso sexual infantil e a pedofilia, destacando as estratégias discursivas utilizadas e seus impactos na percepção pública. Esse trabalho evidencia o papel central da linguagem na moldagem de opiniões e no fortalecimento de estereótipos, ao mesmo tempo em que aponta para a importância de uma abordagem ética na comunicação sobre assuntos tão sensíveis.

A maneira de discursivizar da mídia, seja por meio de imagens, texto ou fala, exerce uma função na produção de identidades sociais, pois a relação mídia e sociedade está atravessada de relações interdiscursivas pré-construídas. O que será ou não dito é decidido pelo efeito de sentidos que se dá, do que é (re)produzido como informação pela mídia. O processo de criação e divulgação do discurso midiático ocorre em um espaço de (re)produção constante. Dessa forma, entendemos que o "saber sobre" ocupa um lugar de escolhas, é durável, e, assim, há uma seleção do que será ou não informado e mostrado (Moraes, 2017, p 50).

A pesquisa contribui para uma reflexão crítica acerca da responsabilidade social da mídia, especialmente ao tratar de temas que envolvem vulnerabilidades e direitos das crianças. Julianne Moraes questiona como os discursos midiáticos podem, muitas vezes, reforçar preconceitos ou minimizar a gravidade do problema, em vez de contribuir para o enfrentamento e a conscientização. Ao desvelar essas dinâmicas, a autora oferece subsídios para a promoção de uma comunicação mais consciente e informativa, que valorize o respeito e a dignidade humana. Além disso, a tese amplia os debates interdisciplinares, dialogando com áreas como comunicação, educação e direitos humanos. A pesquisa não apenas alerta para os riscos de uma abordagem negligente, mas também reforça a necessidade de que a mídia desempenhe um papel ativo na proteção das crianças.

### 3 JANELAS DIGITAIS: a influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade das crianças

*Se nós, sombras, aqui os ofendemos,  
Saibam que nem tudo é como queremos:  
Pensem que vocês apenas dormiam  
Enquanto essas visões apareciam;  
E este débil tema enfadonho,  
Não é nada mais que um mero sonho — William  
Shakespeare, Sonho de uma Noite de Verão  
(2016).*

Com essas palavras, *Puck*<sup>7</sup> encerra *Sonho de Uma Noite de Verão*, oferecendo uma reflexão sobre a fragilidade da realidade e a possibilidade de que tudo o que foi vivido não seja mais do que uma ilusão. Na obra de William Shakespeare, os personagens se perdem em uma trama de enganos e encantamentos, onde suas identidades são distorcidas e suas vontades manipuladas. Eles deixam de ser quem realmente são, assumindo papéis e desejos alheios, até que o encanto é desfeito e eles retornam ao que consideram sua verdadeira essência (*Shakespeare, 2016*).

Esta perda temporária da própria identidade demonstra como fatores externos podem apagar, alterar ou reestruturar identidades. Igualmente, na atualidade, estamos imersos em agentes de influência, como a mídia, que, muitas vezes, influenciam a forma como nos vemos e nos apresentamos ao mundo. As "janelas digitais" funcionam como uma floresta encantada contemporânea, onde tendências, normas de comportamento e discursos são impostos frequentemente, suprimindo a individualidade, dando lugar a identidades construídas para agradar ou se encaixar em um determinado grupo social.

Atualmente, a mídia desempenha um papel fundamental na influência dos valores e comportamentos das crianças, incluindo na formação de sua sexualidade. A mídia é um dos agentes sociais mais impactantes, fornecendo constantemente informações e representações que podem influenciar as atitudes e crenças das crianças.

---

<sup>7</sup>*Puck*, ou *Robin Goodfellow*, é um espírito travesso e brincalhão da comédia *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare. Servo do rei das fadas, Oberon, ele adora causar confusão usando magia, como quando aplica um pó encantado que faz as pessoas se apaixonarem pela primeira pessoa que veem ao acordar. Com sua natureza ágil e travessa, *Puck* é responsável por muitos dos mal-entendidos e situações cômicas da peça. Embora suas ações causem caos, ele é leal a Oberon e, no final, restaura a ordem, tornando-se a voz que encerra a história com um pedido de desculpas aos espectadores (*Shakespeare, 2016*).

No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), 1990, no Art. 2º, é considerada criança uma pessoa com idade entre 0 a 12 anos incompletos. O ECA reconhece a criança como sujeito social e que deve ser respeitada em sua condição de pessoa em desenvolvimento com direitos e garantias. Esse Estatuto é composto por conjuntos de leis que garantem a proteção às crianças, o que inclui direito a saúde mental, moral, e física, além de mencionar que elas têm direito de receber informações adequadas de acordo com a sua idade e desenvolvimento a respeito de sexualidade, com o intuito de protegê-las de abusos e exploração sexual (Brasil, 1990).

Além do ECA, outras orientações importantes também reforçam a ideia de cuidar e respeitar a infância, principalmente na educação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017, por exemplo, destaca que é fundamental respeitar o ritmo de cada criança, valorizando não só o aprendizado, mas também o desenvolvimento emocional, social e corporal, porque entender e respeitar o próprio corpo faz parte da construção da identidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), aprovadas em 2009, reforçam que a escola deve ser um espaço seguro e acolhedor, onde as crianças tenham suas experiências de cuidado e educação garantidas de forma indissociável, aprendendo e se desenvolvendo por meio das interações e brincadeiras. Esse documento ressalta que o respeito à dignidade, à diversidade e à identidade da criança deve estar presente em todas as práticas pedagógicas.

E a Resolução CNE/CEB nº 5 (2009) também vai nessa direção, ao garantir que a Educação Infantil promova um desenvolvimento integral, cuidando da criança com respeito e responsabilidade, para que ela cresça em um ambiente seguro e protegido. Esses documentos juntos nos lembram que educar é, antes de tudo, proteger. E falar sobre sexualidade na infância deve ser feito com cuidado e atenção, para que as crianças cresçam com saúde, respeito e confiança.

Mais recentemente, a Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024, reforçou esse compromisso ao instituir a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças, alterando a Lei nº 14.344/2022. Essa legislação traz um olhar ainda mais humano sobre a infância, destacando a importância de vínculos saudáveis e da valorização do brincar como elementos fundamentais para o desenvolvimento integral e para a proteção das crianças contra situações de violência. Esses documentos juntos nos lembram que educar é, antes de tudo, proteger. E falar sobre sexualidade na infância deve ser

feito com cuidado e atenção, para que as crianças cresçam com saúde, respeito e confiança.

Infelizmente, muitas crianças têm recebido informações distorcidas sobre a sexualidade através dos meios de comunicação como televisão, redes sociais e até materiais impressos muitas vezes referidos como entretenimento e não destinados à criança, o que pode levar a um caminho perigoso, e às vezes prejudicial. O primeiro contato que uma criança tem com uma determinada informação pode nortear o seu desenvolvimento. Piaget (1975), em sua obra “O Nascimento da Inteligência na criança”, discute sobre como as crianças passam por estágios cruciais no desenvolvimento cognitivo, no qual as experiências moldam sua compreensão do mundo ao seu redor.

O perigo que os pequenos podem enfrentar quando expostos a conteúdos eróticos é real. Esses conteúdos muitas vezes retratam uma visão distorcida a respeito da sexualidade, promove estereótipos do corpo, objetivação do corpo e relações sexuais sem contexto adequado, isso pode moldar como a criança vê o seu corpo e o corpo do/a outro/a, influenciando na percepção e desenvolvimento da sexualidade e do comportamento sexual.

Esta seção visa analisar como a exposição das mídias, principalmente Televisão e *TikTok*, afeta a formação da sexualidade infantil. A seção também explora o papel dos/as adultos/as, particularmente dos/as professores/as, na orientação e educação sexual das crianças, e explora como as intervenções adequadas podem ajudar a controlar e orientar as influências da mídia sobre a sexualidade infantil.

A seguir, vamos ver a maneira como a mídia afeta o desenvolvimento da sexualidade infantil, abordando dois elementos importantes. Para começar, "Televisão: A influência dos Programas e Comerciais na Sexualidade Infantil", onde pesquisei em como o conteúdo da televisão, incluindo programas e comerciais, afeta a formação da sexualidade das crianças.

Na próxima seção irei falar sobre as "Tendências Virais e Estereótipos de Beleza e Sexualização do *TikTok*". Este capítulo examinará como as tendências virais e o conteúdo popular do *TikTok* perpetuam estereótipos de beleza e sexualização.

### **3.1 A TV e suas influências**

Durante a minha infância, um dos meus maiores prazeres era ver a TV Globinho, um programa que eu acompanhava todas as manhãs e me fazia sentir integrada a um mundo repleto de diversão e aventuras. Como parte da Geração Z (1997-2010), cresci em meio a uma fase marcada pela expansão da internet e pela popularização da televisão como um dos principais meios de entretenimento infantil.

Entre os desenhos que eu assistia, um se destacava particularmente: *Três Espiãs Demais*. Eu me identificava muito com as personagens principais: Alex, Sam e Clover<sup>8</sup>. Elas eram fortes, inteligentes, independentes, e mesmo com suas vidas e estudos, estavam sempre dispostas a salvar o mundo. O conceito de ser uma "espiã", equilibrando a vida pessoal com a responsabilidade de proteger os demais, era cativante para mim, e de certa maneira me motivava a querer ser como elas.

Estas personagens, com suas vestimentas personalizadas, acessórios incríveis e únicos, habilidades impressionantes e uma vida repleta de adrenalina, acabaram moldando naquela época a minha visão de mundo e a minha concepção do que seria uma mulher forte e bem-sucedida. Contudo, ao revisitar essa recordação, noto que, desenhos como '*Três Espiãs Demais*' também fizeram parte de um vasto jogo de representações elaborado pela televisão. Esses programas, juntamente com suas propagandas e comerciais, puderam de forma sutil, gerar concepções sobre o que significava ser forte e independente para mim.

Isso me levou a refletir sobre o que as crianças têm consumido na televisão, nos desenhos e nos programas infantis, e como isso impacta diretamente a formação de sua identidade. Atualmente, essas crianças pertencem à Geração Alfa (2010 até o presente ano - 2025), a primeira a nascer totalmente imersa no universo digital, onde a tecnologia, as redes sociais e as plataformas de streaming exercem influência ainda mais intensa sobre sua forma de ver o mundo e sobre o processo de construção de quem são.

A mídia, de maneira geral, exerce uma influência significativa ao moldar o entendimento das crianças sobre o mundo e sobre si mesmas, sendo um fator determinante para o desenvolvimento da personalidade e da forma como elas se percebem na sociedade. Essa influência, porém, não ocorre de forma isolada. É

---

<sup>8</sup> Alex, Sam e Clover são as protagonistas de *Três Espiãs Demais*. Alex é a mais atlética e corajosa, sempre disposta a enfrentar desafios. Sam é a mais inteligente e estratégica, sempre pensando em soluções lógicas para as missões. Já Clover é vaidosa e divertida, focada na moda, mas com um grande coração e lealdade às amigas. Juntas, elas formam uma equipe de espiãs, usando suas habilidades complementares para combater vilões e resolver mistérios, ao mesmo tempo em que lidam com as questões típicas da adolescência.

indispensável que os adultos assumam um papel de orientação, filtrando e direcionando os conteúdos consumidos pelas crianças.

Lembro-me de quando minha mãe dizia, ainda na minha infância: *“Tu não pode assistir isso, não é coisa de criança.”* Essa frase, embora simples, trazia consigo um cuidado essencial que alguns responsáveis, infelizmente, parecem não ter hoje. Percebo que atualmente, em muitos casos, falta um senso crítico por parte dos adultos em relação ao que as crianças estão expostas. Seja pela falta de tempo, pela normalização de certos conteúdos ou pela ausência de um olhar atento, as crianças acabam consumindo materiais que nem sempre são adequados para a sua faixa etária.

A falta de cuidado com a infância não é tão recente assim, ao longo do tempo, o conceito de infância passou por mudanças significativas que se adaptaram de acordo com contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. Durante a Idade Média, por exemplo, a infância era vista de forma diferente em comparação aos padrões atuais. Apesar de serem consideradas membros importantes da família, às vezes as crianças iniciavam cedo as atividades laborais e nas responsabilidades familiares, sendo vistas como adultos em miniatura.

Naquela época não existia o conceito de infância que temos hoje, a importância de compreender a infância em sua própria essência ao invés de tentar interpretá-la apenas na perspectiva do adulto. Isso requer reconhecer as características únicas da infância e respeitar o processo de desenvolvimento das crianças, sem tentar forçá-las a se encaixarem nos padrões dos adultos. A esse respeito:

Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem (Rousseau, 2004, p. 4).

Ao longo dos séculos, as percepções e valorizações em relação à infância têm variado. Com o passar da história e de acordo com o contexto social, houve um progressivo reconhecimento da necessidade de cuidar e proteger as crianças. Elas passaram a ser vistas não apenas como uma etapa do desenvolvimento humano, mas como uma construção social. De acordo com os sociólogos portugueses, Manuel Jacinto Sarmiento e Manuel Pinto (1997, p. 11):

[...] a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se

estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII.

Nesse contexto, o comércio da imagem infantil é um fenômeno que tem raízes históricas profundas e evoluiu significativamente ao longo dos séculos. Com o advento da modernidade e o desenvolvimento das mídias de massa, a imagem infantil passou a ser cada vez mais explorada comercialmente. Em 1950 a televisão chega ao Brasil e a partir daí ela se torna um grande meio de comunicação em massa, popularizou-se, e se tornou um meio poderoso para disseminação de imagens e mensagens direcionadas ao público infantil. Programas e comerciais começaram a moldar as percepções das crianças, influenciando seus desejos e comportamentos de consumo.

Programas de TV e comerciais têm uma grande influência na maneira como as crianças percebem o mundo. Através de desenhos animados, novelas, séries, programas infantis e anúncios publicitários, a mídia não apenas diverte, mas também ensina e transmite valores culturais. Os personagens e histórias mostrados na tela muitas vezes influenciam os comportamentos e atitudes que as crianças tendem a imitar. Constantina Xavier Filha em seu livro “Sexualidades, Gênero e Infâncias no Cinema”, diz o seguinte (2014, p.12): “As imagens em movimento ou não, por já fazerem parte das nossas vidas, nos afetam e nos educam e são instrumentos de pedagogias culturais.”

As imagens, que estejam em movimento, como em filmes, programas de TV e vídeos, ou estáticas, como fotografias, ilustrações e anúncios, exercem uma influência significativa sobre nós. Elas têm um impacto emocional e cognitivo, além de desempenharem um papel educativo, servindo como ferramentas de pedagogias culturais.

A televisão comumente transmite imagens e atitudes que podem ter um impacto negativo na forma como as crianças percebem a sexualidade e a imagem corporal. Programas e anúncios voltados para o público infantil frequentemente mostram crianças e adolescentes agindo de maneira que imita adultos, vestindo roupas sugestivas ou participando de danças e atividades que insinuam uma sexualização. Esses conteúdos podem levar as crianças a considerarem tais comportamentos como normais e desejáveis ao expô-las a essas representações. De acordo com Louro (2013, p.57):

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, dos jornais, das revistas, das propagandas, outdoors, e, mais recentemente, da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas, [...].

Novelas populares como "Carrossel" e "Cúmplices de um Resgate", exibidos pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), têm uma influência significativa na vida das crianças. Embora voltadas para o público jovem, essas novelas frequentemente exploram questões de relacionamentos e comportamentos amorosos, conquistando o interesse das crianças.

As tramas românticas podem influenciar as expectativas e atitudes das crianças em relação ao relacionamento entre as pessoas. A forma como esses temas são abordados pode influenciar a compreensão e a gestão das emoções e dos relacionamentos dos jovens no futuro, ressaltando a importância da supervisão de um adulto ao controlar o conteúdo consumido pelas crianças. Embora sejam novelas infantis, é essencial ter supervisão dos pais entre uma cena e outra.

A promoção de produtos alimentares também pode gerar um impacto considerável. Anúncios de marcas como "*McDonald's*" e "*Burger King*" costumam empregar personagens infantis e cenários que ligam o ato de comer a estilos de vida glamorosos e divertidos, por vezes deixando de lado a importância de uma alimentação saudável. Essa abordagem pode afetar não só os padrões alimentares das crianças, mas também a forma como veem o corpo e a saúde.

A televisão desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, através de seus programas e comerciais. A exposição contínua e sem orientação a esses conteúdos pode levar a uma compreensão distorcida e precoce da sexualidade. Portanto, é essencial que pais, mães e educadores/as supervisionem o que as crianças assistem na TV, promovendo um ambiente propício para o diálogo e compreensão, a fim de reduzir possíveis impactos negativos.

Assim como a televisão afeta o desenvolvimento infantil, as mídias digitais estão se tornando mais comuns na vida cotidiana das crianças e mudam como elas interagem com o mundo. Esse fenômeno demonstra a influência crescente das mídias digitais na formação do conhecimento e das percepções das novas gerações. Essa mudança no acesso à informação destaca como adultos, jovens, adolescentes

e crianças estão se envolvendo cada vez mais na comunicação digital. No entanto, essa experiência também apresenta desafios, como a necessidade de distinguir entre verdade e mentira e as possíveis consequências para a socialização e a saúde mental das crianças. Portanto, é fundamental entender e analisar os impactos dessas novas dinâmicas midiáticas no desenvolvimento das crianças. Também é importante que os adultos desempenhem um papel importante na mediação e orientação do uso dessas tecnologias.

### 3.2 Tendência virais do TikTok e os estereótipos de beleza e sexualização

“*Gata, chique e charmosa de Valentino. Joga pro maloqueiro que é rico.*” Foi o que ouvi de uma menina, que devia ter uns 7 ou 8 anos de idade. Ela estava dançando e repetindo a letra com uma naturalidade, como se fosse algo comum. Fui procurar saber de onde vinha essa música e encontrei vários vídeos no *Tiktok*. A música se chama “*Barbie*”, de *MC Tuto* e *DJ Glenner*, e parece ser bem popular entre os pequenos. Ao pesquisar o restante da música, encontrei outra parte que diz:

Mais uma manhã eu 'tô em outra cidade  
Com duas putinhas  
Que eu achava que era fã  
Com duas lindinhas  
Que senta até de manhã  
Ahn ahn ah

Essa música claramente contém conteúdo pornográfico, erotizando e expondo as crianças a uma visão distorcida sobre relacionamentos e sexualidade. A facilidade com que esse tipo de música chega até as crianças pelas redes sociais é alarmante. Mesmo que elas não compreendam completamente o que estão ouvindo, as palavras e as ideias contidas nela carregam uma mensagem que influencia seu desenvolvimento. O que deveria ser uma fase de brincadeiras inocentes acaba, muitas vezes, se transformando em uma exposição prematura à sexualização, algo que pode prejudicar a construção da identidade e a percepção de si mesmas.

A presença digital se tornou essencial no dia a dia das pessoas, e as crianças estão cada vez mais envolvidas nesse mundo. Com a tecnologia permeando a maioria dos aspectos da vida, houve um aumento significativo no tempo que as crianças dedicam ao interagir com dispositivos eletrônicos e plataformas *on-line*. Esse cenário levanta questões relevantes sobre como a imersão digital afeta o

desenvolvimento infantil.

Com o constante progresso da tecnologia e a presença cada vez maior do mundo digital, diversas plataformas passaram a ter influência na rotina das pessoas. Cada uma dessas plataformas proporciona diferentes formas de interação e conteúdo, afetando de maneiras diversas o desenvolvimento e o bem-estar das crianças, e o *TikTok* é uma delas.

O *TikTok* é uma plataforma de mídia social onde os usuários podem criar e compartilhar vídeos curtos, geralmente acompanhados de música, efeitos especiais e filtros. Lançado pela empresa chinesa *ByteDance* em 2016, o *TikTok* rapidamente ganhou popularidade global, especialmente entre criança se adolescentes.

Nesta plataforma, você pode encontrar uma variedade de conteúdos, como vídeos de dança, comédia, tutoriais e desafios virais. A diversidade de conteúdo é uma das razões para seu enorme sucesso, esse aplicativo usa um algoritmo avançado para personalizar o feed de cada usuário com base em suas interações e preferências, tornando a experiência única para cada pessoa.

Quando um algoritmo proporciona experiências a alguém, a aleatoriedade que facilita a adaptação algorítmica pode alimentar também o vício humano. O algoritmo tenta capturar os parâmetros perfeitos para manipular um cérebro, que, por sua vez, muda em resposta aos experimentos do algoritmo para buscar significados mais profundos; é um jogo de gato e rato baseado em pura matemática. Como os estímulos do algoritmo não significam nada e são verdadeiramente aleatórios, o cérebro não está se adaptando a nada real, mas a uma ficção. Esse processo - de ser fisdado por uma miragem imprecisa - é o vício (Lanier, 2018, p. 26).

Jaron Lanier traz uma análise crítica sobre como os algoritmos de aplicativos *on-line*, como o *TikTok*, afetam as crianças no contexto da influência digital. Ele enfatiza que esses algoritmos adaptam o conteúdo exibido aos interesses e comportamentos dos usuários para maximizar o envolvimento. Os algoritmos frequentemente priorizam a retenção e a atração contínua em detrimento da promoção de conteúdo educativo ou construtivo, o que torna essa personalização particularmente problemática para crianças. Essa abordagem pode levar as crianças a se viciarem em uma busca constante por estímulos superficiais e sem valor.

O cérebro infantil, que ainda está em desenvolvimento e é mais suscetível a influências externas, tende a buscar satisfação e significado em conteúdos que geram emoções rápidas, mas não fornecem aprendizado ou verdadeira conexão. Lanier descreve esse fenômeno como um jogo de gato e rato em que o algoritmo

muda suas estratégias para atrair a atenção das crianças enquanto elas tentam encontrar algo significativo em uma experiência. No fundo, esse fenômeno é uma ilusão criada pela programação e matemática do algoritmo. Esse ciclo pode afetar negativamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, causando dependência de alguns tipos desenvolvimento, o que impede um crescimento equilibrado e saudável.

Conforme mencionado anteriormente, algoritmos das redes sociais, como o *TikTok*, visam atrair os usuários ao exibir conteúdo que se encaixa nos interesses dos usuários. Ainda assim, também podem exibir vídeos que não são muito vistos ou não atendem aos padrões de consumo. Isso pode incluir conteúdo sexualizado ou erotizado, principalmente quando esse tipo de conteúdo se torna viral ou é promovido por tendências de mídia.

A sexualização e a erotização precoce, quando promovidas por esses algoritmos, podem ter impactos negativos significativos. A sexualização refere-se à apresentação de comportamentos e imagens de maneira que enfatiza o valor sexual de uma pessoa, muitas vezes em contextos inadequados para crianças. Isso pode distorcer a percepção que as crianças têm sobre o próprio corpo e sobre o comportamento apropriado. Em contraste, a sexualidade é uma parte natural e saudável do desenvolvimento humano, é da ordem do indivíduo (Toneli, 2012), que deve ser abordada de forma adequada e respeitosa de acordo com a idade.

A forma como as crianças, adolescentes e jovens veem os estereótipos de beleza e a sexualização tem sido fortemente influenciada pelas tendências virais do *TikTok*. Muitas vezes, os desafios e tendências que se espalham rapidamente na plataforma promovem certos padrões de beleza e comportamento, o que pode prejudicar a autoestima e a imagem dos usuários.

A pressão para se amoldar aos padrões de beleza e comportamentos sexualizados pode prejudicar a autenticidade pessoal das crianças. Em vez de desenvolver uma autoimagem com base em suas próprias características e valores, elas podem se preocupar mais em seguir os ideais das tendências populares. Isso pode resultar numa luta constante para ajustar sua identidade ao que é popular *on-line*, em vez de explorar e aceitar sua verdadeira essência. Mário de Andrade, em "Ensaio sobre a música brasileira" (1928), abordou como a cultura e a identidade são influenciadas por diversos elementos sociais e culturais, e arrisco dizer que

também são moldadas pela era digital.

A busca por se adequar a padrões de beleza é um exemplo claro da disseminação de filtros e efeitos que alteram a aparência dos usuários. Tais filtros podem alterar características faciais, como afinar o rosto ou aumentar os lábios, criando uma representação idealizada da aparência que muitas vezes não é possível no mundo real. Para alguns isso não passa de brincadeira, para outros pode ser prejudicial.

Crianças e adolescentes podem desenvolver problemas de imagem corporal e perder a autoestima como resultado da exposição constante a essas representações ideais e frequentemente falsas de beleza.

[...] embora os padrões estéticos de beleza sejam mutante e definidos de acordo com o contexto histórico e cultural, na atualidade tal preocupação tem atingido não só as mulheres, mas muito precocemente as meninas, pois é comum observarmos sem suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência (Xavier Filha, 2014, p.36).

Além dos filtros, os desafios de dança e outros conteúdos virais no TikTok frequentemente apresentam coreografias e movimentos que são altamente sexualizados. Crianças e jovens, muitas vezes menores de idade, participam desses desafios e reproduzem comportamentos que podem ser inadequados para sua idade. A sexualização precoce é um fenômeno que preocupa pais e especialistas, pois pode levar a consequências negativas no desenvolvimento psicossocial dos jovens.

A música "*WAP*", de Cardi B e Megan Thee Stallion, é um exemplo de uma tendência viral conhecida e com conotações sexualizadas no *TikTok*. *WAP* é a sigla de "*Wet-Ass Pussy*", termo vulgar para descrever uma "vagina excitada". A seguir, apresento um trecho da referida música traduzida em português (*Card B feat. Megan Thee Stallion, 2020*):

Meritíssima, eu sou uma vadia maluca, algemas, coleiras  
Troco minha peruca, faça ele sentir que está me traindo  
Coloque ele de joelhos, dou algo para ele acreditar  
Nunca perdi uma luta, mas estou procurando por uma surra  
Na cadeia alimentar, sou eu que te devoro  
Se ele comeu minha bunda, ele é um alimentador de fundos

O conteúdo explícito da música é claramente pornográfico e masoquista<sup>9</sup>, e o trecho acima é apenas uma parte do que ela traz. A linguagem gráfica e os temas da letra da música abordam a dominação sexual e a violência, tornando-a inadequada para crianças.

A exposição a uma música com tal conteúdo pode ter efeitos prejudiciais, como a normalização de comportamentos agressivos e desrespeitosos, além de distorcer a percepção das crianças sobre relações interpessoais saudáveis e respeitadas. A música é pornográfica, o que leva a crenças e percepções distorcidas sobre sexualidade e poder.

A música "*WAP*", que foi lançada em 2020, criou uma série de desafios e danças virais no *TikTok* que incluíam movimentos e coreografias sexualmente sugestivas. Essa tendência teve um grande impacto, e levou muitos usuários a reproduzirem a dança e adaptá-la a suas interpretações pessoais. Os jovens, adolescentes e crianças que se envolveram nessas tendências foram principalmente impactados pela disseminação do desafio e da constante exposição a conteúdo sexualizado na plataforma.

É comum encontrar na mídia a exibição de meninos e meninas cantando e desempenhando cenas com alto teor sexual [...] esses conteúdos são nocivos para o desenvolvimento do público infantil, tanto para aqueles que realizam as cenas, tanto para os que acessam o conteúdo impróprio para uma criança (Aguiar, Araújo, Niebuhr, 2019, p.8).

A presença de conteúdos sexualizados nas mídias digitais ressalta a necessidade de um olhar crítico sobre o impacto das novas formas de comunicação na infância. Assim como a mídia televisiva influenciou gerações anteriores e continua a exercer uma forte influência, as mídias digitais, como o *TikTok*, estão moldando as percepções e comportamentos das crianças atualmente.

A facilidade de acesso a conteúdos potencialmente prejudiciais exige uma mediação cuidadosa por parte dos adultos, que precisam orientar e proteger os jovens usuários. É essencial garantir que o consumo de mídia contribua de maneira positiva para o desenvolvimento infantil. Esse cenário evidencia a urgência de implementar estratégias educacionais e regulamentações que ajudem a mitigar os efeitos negativos e a promover um ambiente digital mais seguro e apropriado para

---

<sup>9</sup> Masoquista é a pessoa que sente prazer ou satisfação na dor ou humilhação, seja física ou emocional. Isso pode acontecer em contextos emocionais (como alguém que se coloca sempre em situações de sofrimento) ou sexuais (quando a dor gera prazer erótico).

as crianças.

### 3.3 De cantigas de roda a hits virais

Se as canções infantis fossem janelas para o tempo, poderíamos ver o quanto o mundo mudou olhando apenas pelas letras que embalaram, e embalam a infância. Houve um tempo em que era comum ouvir crianças cantando: *“Atirei o pau no gato, tô”*, sem grandes reflexões sobre o que isso significava. Na peça musical *Os Saltimbancos*, ele ressignificou a cantiga, propondo uma nova versão: *Não atire o pau no gato / Porque isso / Isso não se faz / O gatinho é nosso amigo / Não devemos maltratar / Os animais* (Buarque, 1977).

A adaptação acima, feita por Chico Buarque para a peça musical *Os Saltimbancos*<sup>10</sup>, transformou uma cantiga popular que atravessou gerações, retirando dela a violência implícita e ressignificando seu sentido para um aprendizado mais consciente. Essa mudança não foi apenas uma adequação lírica, mas também um reflexo de como a música infantil acompanha as transformações culturais e sociais ao longo do tempo. O compositor e escritor, ao adaptar esse musical, mostrou sensibilidade ao universo da infância, ao trazer leveza, crítica social e musicalidade acessível para os pequenos.

Essa sensibilidade está presente e faz parte da tradição oral das canções de ninar, melodias suaves, repetitivas e afetivas, que por gerações, foram passadas de mãe para filho, avó para neto, fortalecendo vínculos emocionais. Canções como *“Nana Nenê”* ou *“Boi da Cara Preta”*, que mesmo com suas contradições, passavam a sensação de acolhimento e proteção. Isso é tão importante. De acordo com Brito (2003, p. 49).

As cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonora musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculo fortes tanto com os adultos quanto com a música.

---

<sup>10</sup> Os Saltimbancos é um musical infantil adaptado por Chico Buarque, que conta a história de quatro animais explorados (um jumento, um cachorro, uma galinha e uma gata) que fogem de seus donos e formam uma banda. Com músicas cativantes e uma narrativa divertida, a peça aborda temas como liberdade, união e resistência à opressão, tornando-se um sucesso atemporal tanto para crianças quanto para adultos. Criada nos anos 70, a obra também carrega uma mensagem social inteligente, disfarçada de alegoria animal (Buarque, 1977).

Se por um lado Chico Buarque no musical *Os Saltimbancos* demonstrou uma certa preocupação em adaptar o repertório infantil para torná-lo mais educativo e sensível às concepções de infância, por outro, muitas músicas consumidas pelas crianças hoje seguem um caminho diferente. Quando vou a festa de aniversário, por exemplo, percebo que as tradicionais músicas infantis foram, em grande parte, substituídas por sucessos do momento, os *Hits*<sup>11</sup> musicais. Sertanejo, *Funk* e outros gêneros musicais que, ainda que populares, não foram criados para o universo infantil, canções com letras de cunho sexual que abordam relacionamentos e comportamentos adultos, tornaram-se trilha sonora de momentos que antes eram marcados por melodias lúdicas infantis.

Essa mudança levanta um questionamento: qual é o impacto das músicas ouvidas pelas crianças em sua formação? A música não tem apenas um papel de entretenimento, mas também de educação e socialização, hoje o repertório infantil é, muitas vezes, moldado por algoritmos das redes sociais e pelos conteúdos midiáticos direcionados de consumo rápido. A infância pode ser atravessada por referências e linguagens que nem sempre respeitam suas necessidades e seu tempo de desenvolvimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca a música como uma linguagem artística que favorece a exploração, a expressão e a criação, permitindo às crianças vivenciarem experiências de escuta, produção e apreciação musical. Mais do que uma combinação de notas, ela comunica emoções, sensações e pensamentos, mesmo quando a criança ainda não domina plenamente a linguagem verbal. Na infância, esse aspecto é especialmente significativo, pois é nesse período que os pequenos estão em processo de descoberta do mundo e de si mesmos. A música, portanto, torna-se uma ponte entre a expressão interna da criança e o ambiente ao seu redor, favorecendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional e o social.

Em um tempo em que músicas com letras erotizadas, violentas ou que estimulam comportamentos adultos são amplamente acessadas por crianças através das redes sociais, é fundamental retomar o papel da música como instrumento formador e de cuidado.

---

<sup>11</sup> Aquilo que tem grande popularidade; o que fez ou faz muito sucesso.

[...] Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. (Brasil, 2017, p. 39)

A função da música na infância vai muito além do entretenimento: ela é um campo de aprendizagem, identidade e vínculo com o mundo. Quando essa linguagem é invadida por mensagens inadequadas ao universo infantil, perde-se a oportunidade de fortalecer aspectos essenciais do desenvolvimento humano.

### 3.3.1 Da galinha Pintadinha à Mc Pipokinha: o funk proibidão como repertório musical infantil

Se fecharmos os olhos por um instante e pensarmos nas músicas que marcaram a nossa infância, talvez venham à mente melodias simples, com letras lúdicas e cantigas populares que atravessaram gerações. É provável que canções como “Borboletinha”, “O sapo não lava o pé” ou até os vídeos da Galinha Pintadinha, fenômeno brasileiro que conquistou milhares de crianças com animações coloridas, músicas educativas e personagens carismáticos, ocupem esse imaginário afetivo. A Galinha Pintadinha se tornou, para muitos, símbolo de uma infância cercada por cores e animação, com uma linguagem própria para o público infantil.

Mas hoje, ao abrir um aplicativo como *TikTok*, é cada vez mais comum nos depararmos com crianças pequenas dançando músicas com letras explícitas, sensualizadas e, muitas vezes, violentas. Nesse cenário, a Galinha Pintadinha divide espaço com MC Pipokinha, e essa convivência, por mais surreal que pareça, tem se tornado parte do repertório musical infantil.

O *funk* brasileiro, enquanto gênero musical, nasce na década de 1980, nas periferias do Rio de Janeiro, com fortes influências do *Miami Bass* e do *hip hop* americano. No entanto, o ritmo se reinventou com o tempo e ganhou identidade própria: urbana e periférica. Mais do que música, o *funk* se transformou numa forma legítima de expressão e resistência — um grito das favelas que fala de amor, dor, cotidiano, desigualdade e também de sonho.

Em nossa cultura, o termo “MC” significa *Mestre de Cerimônia* (*Master of Ceremonies*, em inglês), alguém que conduz a música, narra uma vivência, representa uma comunidade ou um estilo de vida. No *funk* brasileiro, o MC tornou-se símbolo de protagonismo juvenil.

É nesse contexto que surge MC Pipokinha nome artístico de Doroth Helena de Sousa Alves, nascida em 17 de agosto de 1998, atualmente com 27 anos. Um dos nomes mais comentados do funk proibidão atualmente. Com letras extremamente explícitas e performances carregadas de erotização, a artista ganhou notoriedade não só pelo conteúdo de suas músicas, mas também pela forma como utiliza as redes sociais para se comunicar com o público. A combinação de polêmica, acessibilidade e viralização tornou seu nome conhecido até mesmo por quem nunca ouviu uma de suas canções por completo. E é justamente aí que o alerta se acende: por que crianças tão pequenas estão consumindo conteúdos que nem foram feitos para elas?

O *funk* proibidão, subgênero onde se encaixam muitas das músicas de MC Pipokinha, é marcado por letras que falam abertamente sobre sexo, violência, drogas e ostentação. Não se trata aqui de ignorar a importância do *funk* enquanto cultura para algumas pessoas, nem de censurá-lo, mas de refletir sobre a ausência de filtros entre o que é produzido para adultos e o que chega, com facilidade, até os ouvidos e olhos das crianças.

Como afirma Buckingham (2000) em seu livro *Crescer na Era das Mídias Eletrônicas* (p. 110): “Assim, de um lado as crianças ganharam acesso a certos aspectos da vida ‘adulta’, especialmente aqueles considerados moralmente inapropriados ou para os quais elas sejam vistas como psicologicamente imaturas”. Ele destaca ainda que crianças têm vivenciado temas como sexo, drogas, criminalidade e rupturas familiares com uma precocidade assustadora, ocupando também um espaço cada vez mais ativo como mercado consumidor. Para o autor, “seria um exagero propor que essas mudanças tenham conduzido à ‘morte da infância’, mas elas sugerem de fato que o fim da ‘infância’ está chegando alguns anos mais cedo que no passado.”

Essa mudança de repertório, do universo lúdico das cantigas infantis para canções de forte carga sexual, nos convida a refletir sobre o papel da música na formação das crianças. A música não é neutra, ela educa, sensibiliza, transmite valores e, acima de tudo, molda o olhar sobre o mundo. Quando uma criança se

apropriada de letras que falam sobre práticas sexuais ou ostentação de bens e poder, não se trata apenas de uma reprodução inocente, é um sinal de que ela pode estar sendo exposta a sentidos que ainda não tem maturidade para elaborar.

A popularidade de artistas como MC Pipokinha evidencia uma vertente do funk marcada por uma erotização extrema do corpo feminino e por uma linguagem que, embora voltada ao público adulto, circula sem barreiras no ambiente digital. Um exemplo disso pode ser observado na música “Bota na Pipokinha”, cujo refrão diz:

Bota na Pipokinha  
Bota na, bota na Pipokinha  
Bota na Pipokinha  
Bota na, bota na Pipokinha

É com essa letra que crianças são filmadas dançando, em vídeos que viralizam com milhares de curtidas, risadas e comentários. O que está em jogo aqui não é apenas a precocidade da exposição, mas a normalização de práticas e discursos que colocam o corpo da criança em situações de risco simbólico e, muitas vezes, real.

A erotização precoce não ocorre de forma repentina. Ela se desenvolve gradualmente, através de músicas, roupas, gestos, expressões e estímulos que afastam a criança de sua infância. Conforme destaca Jimena Furlani, em seu livro “Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças” (2011), a erotização precoce não acontece por acaso, ela é fruto de processos culturais que atravessam a infância e acabam borrando as fronteiras entre o que é próprio do universo infantil e o que pertence ao mundo adulto. Esses estímulos, muitas vezes naturalizados no cotidiano, estão presentes na mídia, na moda e até nas interações sociais.

Nesse contexto, o *funk* proibidão, consumido por crianças como se fosse apenas mais um conteúdo infantil, expõe não apenas a influência das redes sociais e da cultura digital, mas também uma ausência de mediação. Quem está auxiliando essas crianças a entenderem o que escutam? Quem está esclarecendo que certas palavras e gestos não são apenas “divertidos”, mas trazem significados complexos e, em algumas situações, perigosos?

Um dos desafios não está em silenciar o *funk*, mas sim em levantar a questão do adulto como mediador. As crianças precisam de um repertório que leve em consideração seu tempo, sua linguagem e seu direito de se desenvolver com

referências saudáveis. Isso não implica em isolá-las em um mundo de fantasia, mas sim em proporcionar a elas diferentes formas de escuta, sensibilidade e identidade.

Dando continuidade à investigação sobre a sexualidade infantil, a próxima seção analisa o papel dos adultos, especialmente dos professores, na educação sexual das crianças. A partir de entrevistas com professoras da educação infantil, a pesquisa apresenta suas percepções sobre responsabilidades e desafios na orientação da sexualidade. Isso ajuda a entender como o ambiente escolar favorece uma formação saudável e protegida, diante das influências sociais e midiáticas.

#### 4 EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS: QUEM SE RESPONSABILIZA?

*Ele sabia de tudo. E mais um pouco. Sabia tudo de cor. E tudo decorado. Sabia voar, subir, descer, correr, pular, nadar, brincar, pensar, fingir, fazer de conta... - Ziraldo, 1980.*

Essa passagem, retirada da obra *O Menino Maluquinho*<sup>12</sup>, de Ziraldo, traz à tona a essência da infância: uma fase marcada pela curiosidade, pelo aprendizado constante e pela imaginação fértil. O menino descrito ali é dono de um saber que vai além do formal, é o saber da experiência, do corpo, da brincadeira e da descoberta (Ziraldo, 1980). E é exatamente essa potência que torna urgente a reflexão sobre um tema tão fundamental quanto a educação sexual das crianças.

Elas já sabem muito. E querem saber mais. Percebem o mundo à sua volta com uma sensibilidade que, por vezes, os adultos subestimam. Falam, observam, perguntam, ainda que nem sempre com palavras. E quando não encontram espaço para essas perguntas, vão em busca de respostas onde for possível. Isso nos leva à questão central: quem está se responsabilizando por essa escuta, por esse cuidado, por essa orientação?

A educação sexual, quando pensada na infância, ainda enfrenta resistências, silêncios e transferências de responsabilidade. A escola espera que a família ensine, a família espera que a escola ensine, e, muitas vezes, ninguém ensina. Mas o corpo continua crescendo, os sentimentos continuam surgindo, e as dúvidas também. Esta seção busca justamente lançar esse olhar para a responsabilidade coletiva que é educar sexualmente nossas crianças, com respeito, com afeto, com informação, e, sobretudo, com presença, enfatizando o papel dos/as professores/as.

As informações e conhecimentos transmitidos às crianças são responsabilidade de pessoas adultas, como mães, pais, professoras/es e isso se aplica também à educação sexual. Quando essas pessoas estão bem-informadas e buscam conhecimento sobre o assunto, conseguem abordar o tema de maneira sábia e pertinente, oferecendo a elas informações apropriadas para cada etapa de seu crescimento. Isso é importante porque não só a criança recebe a informação

---

<sup>12</sup>O *Menino Maluquinho* é uma obra clássica da literatura infantil brasileira, escrita e ilustrada por Ziraldo (1980), narra as aventuras e travessuras de um garoto cheio de energia, imaginação e curiosidade, que vive o mundo de forma intensa e lúdica. Por meio da figura do Menino Maluquinho, Ziraldo celebra a infância como um tempo rico em descobertas, aprendizado informal, brincadeiras e emoção, um período em que as crianças constroem seu saber sobre si mesmas e o mundo ao redor.

correta, mas também pode ajudá-la a lidar com eventuais desafios no futuro.

As crianças, na maioria das vezes, replicam não apenas as palavras dos pais, mães e professores/as, mas também suas ações. Existe uma frase popular, cujo autor não conheço, que se encaixa perfeitamente nesse contexto: "A palavra convence, mas o exemplo arrasta." Isso significa que não basta apenas falar; é essencial demonstrar, por meio de nossas atitudes, como lidar com diferentes situações.

A educação também acontece quando pais, mães ou qualquer responsável pela criança, pratica o que ensina, pois as crianças aprendem mais observando o comportamento dos adultos do que ouvindo suas palavras. Assim, o exemplo dado pelos adultos tem um impacto na formação das atitudes e valores dos filhos. De acordo com Soares, Souza e Marinho (2004), "os exemplos mais eficazes são apresentados através de atos e não de palavras". Os pais podem instruir e/ou funcionar como modelos. A criança vai fazer o que você faz e não o que você diz" (p. 258).

A educação sexual é mais bem demonstrada por atos do que por palavras. Isso mostra quão importante é que pais, mães e outras pessoas adultas sejam bons exemplos para as crianças. Se elas veem seus familiares tratando o corpo com respeito, abordando temas de sexualidade de forma aberta e saudável, e respeitando os limites nas relações, elas internalizam esses comportamentos como normais e apropriados.

Por outro lado, há uma desconexão entre o que os responsáveis dizem e o que fazem se falarem apenas sobre educação sexual, sem aplicar os princípios que pregam. A educação sexual não deve ser uma lição ocasional, mas um conjunto contínuo de exemplos práticos que os adultos oferecem diariamente.

Para que essa construção aconteça de forma coerente, é essencial que haja alinhamento entre o discurso e a prática, tanto em casa quanto na escola. As crianças aprendem observando o comportamento dos adultos, e é nesse cotidiano que valores e percepções sobre o corpo, o afeto e os limites vão sendo formados. Quando há contradições entre o que se ensina e o que se pratica, corre-se o risco de confundir a criança, enfraquecendo o processo educativo. Por isso, é preciso compreender que cada gesto, fala ou atitude, por menor que pareça, contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Existe um ditado popular que podemos encaixar muito bem nesse contexto, “De grão em grão, a galinha enche o papo”, ele nos faz lembrar que grandes transformações acontecem aos poucos, com paciência e constância. Assim é o trabalho de um/a professor/a, que, dia após dia, vai construindo um legado na vida das crianças. Muito mais do que uma autoridade, ele/a é um/a guia afetuoso e inspirador, que aos poucos deixa marcas profundas e duradouras no coração dos pequenos. Na educação infantil, quando os valores e atitudes começam a se formar, o/a professor/a tem um papel fundamental. Ele/a não só compartilha conhecimento, mas também semeia princípios de ética, respeito e carinho, essenciais para o crescimento saudável das crianças.

Desde os primeiros anos de escola, os/as professores/as são como faróis, iluminando o caminho das crianças enquanto elas aprendem a navegar pelo mundo. Com paciência e gentileza, bons/as professores/as ajudam as/os crianças/alunos a entender as normas sociais, a valorizar a justiça e a construir relacionamentos baseados no respeito mútuo. Além disso, um/a bom/a professor/a se torna um exemplo de humanidade, demonstrando, por meio de suas próprias atitudes, como viver com integridade e compaixão.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação - ou seja, a prática educativa- é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social (Libâneo, 1994, p. 16).

Quando se fala em educação sexual, o papel do/a professor/a ganha novas cores e profundidade. Essa não é uma tarefa limitada a transmitir dados técnicos ou informações biológicas é, acima de tudo, uma oportunidade de ajudar a construir uma compreensão saudável, respeitosa e positiva da sexualidade desde cedo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma educação sexual eficaz deve estar orientada para o bem-estar sexual e o respeito mútuo, oferecendo informações que permitam decisões conscientes e responsáveis sobre a saúde sexual (OMS, 2015).

Nesse contexto, é importante que o espaço escolar possa se tornar um ambiente acolhedor, onde as crianças se sintam à vontade para fazer perguntas,

expressar suas curiosidades e aprender de forma leve, adequada à idade, sem medo ou vergonha. O papel dos/as educadores/as, portanto, pode ser compreendido como parte de um processo coletivo, sensível e atento às necessidades da infância.

Na educação infantil, esse papel se torna ainda mais delicado e essencial. É nesse período que as crianças começam a formar a base do entendimento sobre si mesmas, seu corpo, seus sentimentos e o mundo ao redor. O psicólogo Lev Vygotsky (1978), na obra “A formação social da mente”, destaca que o aprendizado é um processo social e cultural, construído por meio da interação com o meio e com os outros. Assim, a abordagem da educação sexual precisa respeitar o tempo da infância: acolher a curiosidade natural das crianças e guiá-las com sensibilidade, sempre com foco no afeto, no respeito e na construção de vínculos saudáveis.

Além disso, vivemos tempos em que tudo parece acontecer com mais rapidez. As crianças têm acesso cada vez mais precoce a conteúdos digitais, muitas vezes sem filtros, o que amplia o desafio dos/as professores/as. Nesse cenário, o educador precisa estar em constante formação, preparado para lidar com dúvidas complexas e situações inesperadas. No entanto, a realidade é que muitos profissionais ainda carecem de apoio, formação específica e diretrizes claras para tratar desses temas com segurança e sensibilidade. Sem esse suporte, o trabalho em sala de aula pode ser comprometido, afetando diretamente o desenvolvimento emocional e a saúde sexual das crianças.

#### **4.1 O olhar das Professoras: o que elas compartilham**

Antes de qualquer gráfico dado estatístico, existe uma sala de referência, e dentro dela, vozes que observam, sentem e vivem, todos os dias os efeitos do mundo digital no universo infantil. São essas vozes, as das professoras, que ecoam nesta subseção.

Com o desejo de ouvir mais do que números, buscamos escutar experiências. Elaboramos um questionário que não apenas mensurasse percepções, mas também acolhesse histórias, inquietações e alertas. Afinal, quando o tema é infância e sexualidade em tempos digitais, quem está na linha de frente tem muito a dizer.

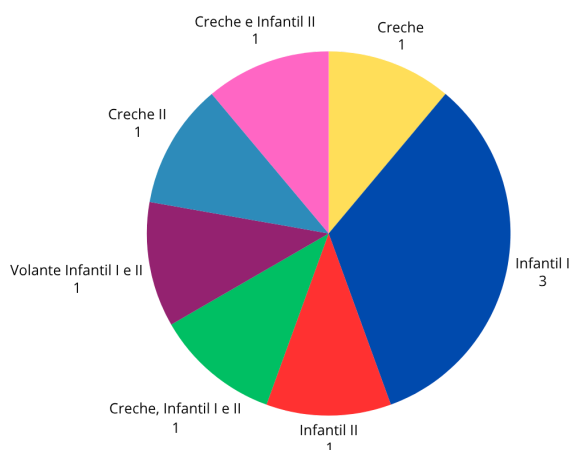
Esta subseção é um espaço dedicado ao que elas veem, sentem e compartilham. Um mergulho no cotidiano escolar da educação infantil, onde a exposição precoce a conteúdos eróticos, muitas vezes mediada por plataformas

digitais, se revelam em olhares atentos, palavras cuidadosas e relatos que pedem escuta e reflexão.

O questionário, desenvolvido e aplicado via *Google Forms*, foi estruturado para captar uma visão do tema. Nele, foram incluídas perguntas discursivas e objetivas, cuidadosamente formuladas para abordar as nuances do tema. Participaram da pesquisa nove professoras que atuam diretamente na Educação Infantil, desde a Creche até o Infantil II.

Para garantir a privacidade das participantes, as nove professoras que contribuíram com esta pesquisa foram identificadas com nomes de personagens femininas da literatura clássica infantil e juvenil, inspiradas em obras de William Shakespeare, J.M. Barrie, L. Frank Baum e Ziraldo, autores que, inclusive, foram utilizados nas epígrafes ao longo deste trabalho. Assim, cada docente é simbolicamente representada por uma figura literária que remete ao universo da infância e da imaginação. Ao longo desta pesquisa, elas serão referidas como: Professora Wendy, Professora Sininho, Professora Dorothy, Professora Glinda, Professora Emília, Professora Lúcia, Professora Hérnia, Professora Titânia e Professora Rosalinda. Essas profissionais acompanham diferentes faixas etárias e vivenciam, em seu cotidiano pedagógico, as transformações que atravessam a infância nos dias de hoje. Seus olhares, experiências e percepções compõem um panorama rico e necessário sobre o tema. Para melhor compreensão do perfil das participantes, o Gráfico 1 apresenta as etapas da Educação Infantil em que essas professoras atuam.

**Gráfico 1** - Etapas da Educação Infantil em que atuam as professoras participantes

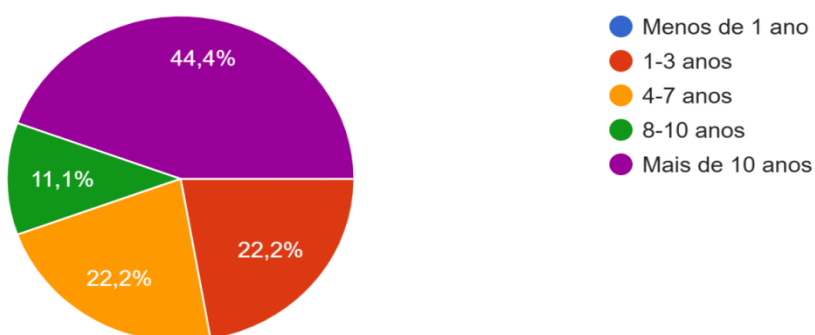


**Fonte:** Organizado pela autora a partir dos dados do *Google Forms*, 2025

O Gráfico 1 apresenta as etapas da Educação Infantil em que atuam as professoras participantes desta pesquisa. Observa-se uma diversidade de experiências profissionais, distribuídas entre diferentes segmentos da Educação Infantil. Três docentes atuam especificamente no Infantil I, sendo essa a etapa com maior representatividade entre as participantes. As demais atuam em contextos variados: uma professora na Creche, uma na Creche II, uma na Creche e no Infantil II, uma no Infantil II, uma em turma volante que abrange o Infantil I e II, e uma com atuação múltipla na Creche, Infantil I e II. Essa variedade enriquece a pesquisa, permitindo compreender como as percepções e experiências em relação à infância e à sexualidade se manifestam em diferentes fases do desenvolvimento infantil e contextos escolares.

As questões foram elaboradas para explorar como essas educadoras percebem e enfrentam os desafios impostos pela exposição das crianças a conteúdos digitais e para entender quais estratégias e práticas são adotadas nas salas de referência para abordar essas questões. A seguir, será apresentado um gráfico que sinaliza o tempo de atuação de cada participante:

**Gráfico 2 - Tempo de atuação das participantes**



**Fonte:** Organizado pela autora a partir dos dados do Google Forms, 2025

O Gráfico 2 apresenta o tempo de atuação das participantes na Educação Infantil. Nota-se que a maior parte das professoras, representando 44,4%, possui mais de 10 anos de experiência, o que revela um grupo majoritariamente formado por educadoras com ampla vivência e bagagem profissional. Outros 22,2% têm entre 4 a 7 anos de atuação, e mais 22,2% estão na faixa de 1 a 3 anos de experiência. Por fim, 11,1% das participantes atuam há 8 a 10 anos. A diversidade no tempo de

atuação enriquece as respostas, permitindo captar diferentes olhares: tanto de quem está há mais tempo acompanhando as transformações sociais e tecnológicas, quanto de quem vivencia os desafios recentes de forma mais imediata.

A primeira pergunta do questionário buscou entender como as professoras definem a sexualidade. As respostas mostram uma compreensão ampliada, mas também revelam lacunas formativas. Algumas professoras veem a sexualidade como uma parte inerente do ser humano, presente desde a infância, alinhada com estudos que a reconhecem além da genitalidade e da vida adulta, incluindo vínculos afetivos e identidade.

Outras participantes abordam a sexualidade como expressão de desejos e identidade de gênero, refletindo sensibilidade à diversidade e subjetividade, essenciais para uma educação sexual inclusiva. No entanto, algumas respostas mostram reduções conceituais, como a de Rosalinda, que associa a sexualidade apenas ao prazer, e Sininho, que limita o tema ao aspecto sexual. A fala de Lúcia destaca a importância do conhecimento do próprio corpo na infância, promovendo consciência e proteção. Lendo as respostas das professoras me lembrei de uma fala de Oliveira (2021, p.31-32).

A disseminação do conceito de Educação Sexual e de todas as temáticas que o envolvem, deve ocorrer de maneira científica, corroborada por meio de investigações cientificamente embasadas, a fim de que, se faça possível reconhecer a importância e relevância de uma formação adequada na área, eliminando estigmas e preconceitos resultantes do senso comum, que interferem negativamente nesse processo. É preciso compreendê-la enquanto campo científico, a fim de que, sua inserção na escola seja corroborada e efetivamente reconhecida e fortalecida por sua imprescindibilidade por parte de todos os âmbitos sociais, desconstruindo costumes, preconceitos e valores que partem e se apoiam no senso comum (Oliveira, 2021, p.31-31).

Essa citação nos convida a olhar para a Educação Sexual com a seriedade e o cuidado que ela merece. Ao reler as falas das professoras, percebemos exatamente o que a autora aponta: há uma urgência em tratar esse tema com base no conhecimento científico, para que possamos romper com visões distorcidas, superficiais que ainda predominam no senso comum. Como aponta a fala, reconhecer a sexualidade como campo científico é essencial para que sua presença na escola seja não apenas aceita, mas fortalecida, contribuindo para uma formação mais humana e consciente.

A segunda pergunta dissertativa investigou como as professoras avaliam a

Educação Infantil, focando no desenvolvimento da sexualidade infantil. A pergunta buscou revelar não apenas percepções sobre o sistema educativo, mas também como esse tema tem sido compreendido e tratado no cotidiano das salas de referência, diante dos desafios contemporâneos, especialmente no contexto das influências digitais e da crescente exposição precoce a conteúdos inapropriados.

Ao realizar essa pergunta às professoras da educação infantil, foi possível perceber que muitas delas, em suas respostas, concentraram-se mais em descrever o comportamento das crianças relacionado à sexualidade do que propriamente em avaliar como esse tema tem sido abordado no contexto da prática pedagógica. Elas reconhecem a sexualidade como crucial para o desenvolvimento e consideram a educação infantil essencial para a construção de conhecimentos e valores. No entanto, a maioria aponta a falta de suporte institucional e formativo adequado para abordar a sexualidade de maneira segura e eficaz.

A professora Lúcia destacou a importância das interações lúdicas e do processo de descoberta do corpo para a identidade e socialização das crianças. Nesse mesmo sentido, a professora Sininho trouxe uma reflexão mais aprofundada sobre a importância da educação infantil:

É uma etapa do desenvolvimento humano essencial porque é nela que a criança está mais receptiva, devido à sua maior plasticidade mental para a aprendizagem. É como uma esponja que absorve tudo ao seu redor, ainda que cada uma o faça de maneira diferente, conforme constrói sua personalidade. Em relação à sexualidade, a criança tem desejos naturais do corpo, mas de forma inocente. Algumas podem já ter esse lado mais perceptivo, o que pode decorrer de maneira normal ou não, dependendo da exposição a conteúdos sexuais.

Já a professora Dorothy foi incisiva ao afirmar que ainda há lacunas significativas na forma como a sexualidade é tratada na educação infantil: *“Ainda é necessário maior suporte de profissionais da área, com conhecimento específico para abordar o tema de forma efetiva. A educação infantil ainda deixa muitas lacunas abertas”*.

Essas falas evidenciam um ponto crucial: embora exista sensibilidade entre as educadoras quanto à relevância do tema, a ausência de formação continuada e de diretrizes claras acaba por limitar ações pedagógicas mais seguras e estruturadas.

A terceira pergunta do questionário buscou compreender se, na visão das professoras, há mudanças no comportamento das crianças de hoje em relação à

sexualidade, especialmente quando comparadas às gerações anteriores. Entre as nove participantes, oito afirmaram que sim, que percebem transformações claras, enquanto apenas uma disse não notar diferença significativa.

O que aparece com força nas falas é a percepção de que as crianças têm sido expostas cada vez mais cedo a conteúdos ligados à sexualidade, muitas vezes sem mediação, diálogo ou proteção. A maioria das professoras destaca que isso tem se refletido diretamente no comportamento infantil, seja em danças, gestos, vocabulário ou até em brincadeiras com forte influência do universo adulto. A professora Wendy comenta: *“As crianças estão precocemente desenvolvendo a sexualidade, evidenciado por gestos, danças, músicas e linguagem inapropriadas”*. Já Emília reforça: *“A própria mídia influencia essa cultura. Pois hoje, as crianças destacam o ‘namoro’ e ‘beijar na boca’ como se fosse uma brincadeira infantil”*.

Como destaca Pongeluppe (2020), em sua tese O funk de MC Melody: problematizações sobre mídia, sexualidade e infância: *“Tem-se tornado difícil escapar da mídia. Ela atinge quase todas as dimensões da vida cotidiana e alcança diferentes faixas etárias”*. Essa afirmação nos ajuda a entender como os conteúdos midiáticos têm influenciado diretamente o universo infantil, moldando comportamentos, falas e brincadeiras que, muitas vezes, reproduzem padrões adultos ainda muito distantes do tempo da infância.

As crianças de gerações anteriores eram bem mais ingênuas em relação à sexualidade e não tinham tanta curiosidade. Talvez devido ao tabu em falar sobre sexo na família, na escola e na sociedade. Hoje a sexualidade está mais explícita de várias formas na mídia em geral (TV, internet). A criança hoje em dia está mais exposta a conteúdos sexuais até mesmo em formas de desenhos animados (Professora Sininho).

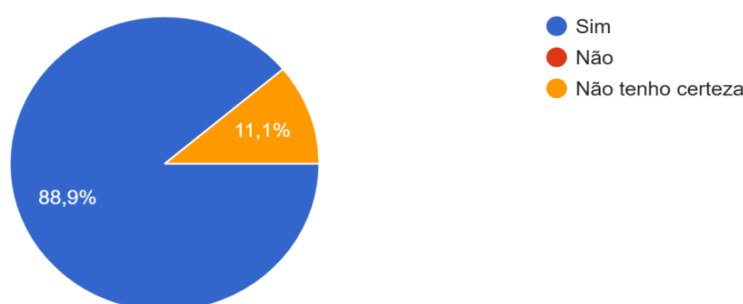
Embora a professora utilize o termo "sexualidade", percebe-se que sua preocupação está direcionada principalmente à exposição precoce das crianças a conteúdos sexuais e eróticos na mídia. Essa distinção é importante, pois, do ponto de vista educacional e científico, a sexualidade abrange uma dimensão muito mais ampla. No entanto, entendo que a preocupação da professora está centrada na questão da sexualização precoce das crianças, que merece atenção cuidadosa por seus impactos no desenvolvimento infantil.

Essas falas revelam um ponto importante: a infância continua sendo atravessada por descobertas, mas agora em um contexto social muito mais

acelerado e carregado de referências adultas. Por isso, mais do que julgar os comportamentos, é preciso abrir espaço para escuta, orientação e cuidado. As professoras percebem essas mudanças acontecendo diante dos seus olhos, muitas vezes sem o suporte necessário para agir. Isso mostra o quanto é urgente olhar com mais atenção e sensibilidade para a formação de quem está na linha de frente da educação infantil, cuidando da infância todos os dias.

Em seguida, perguntamos se as professoras percebem a influência de conteúdos eróticos, como músicas e vídeos do *TikTok*, no comportamento das crianças. Há preocupação com a exposição precoce à adultização e erotização infantil. 88,9% (oito professoras) das professoras notam essa influência nas escolas, enquanto 11,1% (uma professora) não têm certeza. Os dados desta pesquisa mostram que as redes sociais e a mídia digital afetam a infância, influenciando a linguagem, as brincadeiras e a percepção das crianças sobre si mesmas e o mundo.

**Gráfico 3** - Influência de conteúdos eróticos, no comportamento das crianças



**Fonte:** Organizado pela autora a partir dos dados do Google Forms, 2025.

Mais do que estatísticas, são percepções vividas dentro das salas por quem convive diariamente com as crianças. Trata-se de um alerta importante: a infância está sendo atravessada por conteúdos que, muitas vezes, ultrapassam sua capacidade de compreensão e elaboração emocional, e isso exige da escola e da sociedade um olhar mais atento, crítico e acolhedor.

A próxima pergunta do questionário buscou a percepção das professoras sobre a influência dos conteúdos digitais na sexualidade infantil. A maioria reconheceu que conteúdos eróticos, como músicas e vídeos do *TikTok*, impactam o comportamento das crianças. Apenas uma professora, Hérnia, afirmou não conhecer essa influência. As respostas indicam que as crianças reproduzem gestos

e danças sexualizadas, normalizando essas tendências.

Na sequência, foi solicitado que explicassem de que maneira essa influência se manifesta. As respostas convergem em muitos pontos. As professoras relatam que as crianças tendem a reproduzir gestos, danças e falas carregadas de conotação sexual, muitas vezes inspiradas em músicas e vídeos que circulam nas redes sociais, especialmente no *TikTok*. Dorothy aponta que *“dançam de forma sensual, por não ser um app para crianças, elas podem ter acesso a vídeos que não são da sua faixa etária”*. Já Emília comenta que *“são ‘apenas’ pequenos trechos que dão foco a dancinhas, gestos, palavras e assim as crianças vão ‘normalizando’ essas tendências”*.

Outras participantes reforçam que, para além do conteúdo em si, há também uma busca por pertencimento. Como ressalta Titânia: *Para se sentirem pertencentes ao grupo social que estão inseridas, as crianças buscam imitar os comportamentos vistos como normais, como legítimos e até como forma de se posicionar na sociedade*. Esse desejo de aceitação pode acabar intensificando o consumo e a reprodução de conteúdos que muitas vezes ultrapassam os limites do que é saudável ou compreensível para a faixa etária. Lúcia chama atenção para a responsabilidade compartilhada nesse cenário ao afirmar que as crianças: *“têm livre acesso às novas tecnologias e com elas tudo que advém de um uso desordenado. Muitas das vezes são os próprios responsáveis, que deveriam zelar, que as expõem nas redes sem critério algum”*. A professora acrescenta que com isso, *“tendem a reproduzir o que vivenciam de forma digital”*. Sobre tal questão, Valério Júnior (2016, p. 40) afirma:

A criança não precisa mais nascer na realeza para ter a sua vida pública. Vivemos a era da criança-espetáculo, pois o reino virtual permite isso. Crianças podem ter os seus momentos de reis ou rainhas nas redes sociais, estampados em imagens com a garantia dos olhares de outras pessoas que acessam ou navegam pelo ciberespaço.

Vivemos uma época em que a infância não está mais restrita aos limites do ambiente familiar ou do convívio próximo. A chamada “era da criança-espetáculo” revela uma transformação profunda: as crianças, que antes tinham suas vidas privadas e protegidas, agora podem ocupar espaços públicos na internet, tornando-se pequenas “reis e rainhas” nas redes sociais. Como afirma Valério Júnior (2016, p.40), o “reino virtual” possibilita que esses momentos sejam compartilhados

e observados por uma audiência global, ampliando o alcance da infância para além do que a imaginação tradicional permitia.

Essa realidade traz reflexões importantes sobre a exposição precoce, a construção da identidade e os cuidados que os adultos precisam ter para garantir que, mesmo diante desse cenário de visibilidade, as crianças sejam protegidas, respeitadas e amparadas em seu desenvolvimento emocional e psicológico. Afinal, não se trata apenas de registros bonitos e momentos de reconhecimento, mas de garantir que a infância permaneça um tempo de segurança, liberdade e crescimento saudável, mesmo na era digital.

Essas falas, apesar de nuances diferentes, revelam um mesmo retrato: a infância está sendo tocada diariamente por conteúdos erotizados, muitas vezes sem qualquer mediação adulta. E quando essa influência não é debatida ou acolhida com cuidado, ela tende a ser naturalizada pelas crianças, que reproduzem comportamentos sem entender seu significado ou impacto. Essa realidade exige um olhar urgente, não apenas sobre o que as crianças consomem, mas sobre como educadores e famílias podem construir espaços de proteção, diálogo e formação crítica diante da força avassaladora do mundo digital.

Nesta pergunta, procuramos entender quais comportamentos específicos as professoras têm observado nas crianças e que podem estar ligados à exposição a conteúdos inapropriados nas redes sociais. A maioria relatou comportamentos muito parecidos: danças com conotação sensual, vocabulário influenciado por músicas populares, uso de batom e maquiagem, além da repetição de falas e gestos vistos em vídeos que circulam nas plataformas digitais.

Esses relatos revelam uma adultização precoce que atravessa a infância de forma preocupante, refletindo o impacto direto do mundo digital no cotidiano escolar. A professora Hérnia, por sua vez, destacou que não conhece a plataforma *TikTok* e, por isso, não se sente segura para avaliar. Sua resposta, longe de ser uma ausência, aponta para um aspecto importante: a necessidade de formação continuada para que educadores se sintam preparados para compreender e lidar com os desafios trazidos pelas tecnologias digitais, as situações nos “forçam” a estar atentos às coisas que as crianças usam.

A próxima pergunta buscou compreender se há diálogos com as famílias em relação aos perigos da exposição a conteúdos eróticos na infância e, se sim, de que forma esses momentos acontecem. A maioria das professoras respondeu que sim,

que tais conversas ocorrem, ainda que de forma pontual. Algumas relataram que, mesmo quando não partem diretamente das/os professoras/es, a coordenação escolar costuma assumir esse papel, seja em reuniões coletivas, projetos ou em atendimentos individuais.

As professoras Lúcia e Hérnia afirmaram que não há esse tipo de diálogo em suas experiências. O silêncio ou a ausência de comentários sobre o tema também revelam algo importante: ainda existem barreiras institucionais, emocionais e culturais que dificultam a aproximação entre escola e família nesse campo. Um exemplo significativo foi trazido pela professora Titânia, que compartilhou:

*Sim, por meio de conversas particulares em determinados casos, como por exemplo, tinha um aluno que pegava duas bonecas, se escondia debaixo da mesa e com as bonecas repetia o que via com seus pais. Conversando com os pais, descobriu-se que todos dormiam no mesmo quarto. Com uma cortina entre as camas (família bem carente). Pensavam que a criança estava dormindo quando realizavam os atos sexuais.*

Essas falas reforçam que, apesar dos esforços, o diálogo entre escola e família sobre sexualidade infantil ainda precisa ser mais sistematizado, sensível e presente no cotidiano educativo. São nesses espaços de troca que se pode construir, juntos, um cuidado mais atento e protetivo à infância.

Na pergunta sobre o uso de estratégias para abordar as influências das mídias digitais e conteúdos inapropriados em sala de referência, as respostas revelam posicionamentos diversos entre as professoras. Três delas afirmaram não utilizar nenhuma estratégia específica, sendo que uma justificou que ainda não foi necessário, embora já tenha trabalhado o tema no contexto do Maio Laranja, voltado à proteção das crianças.

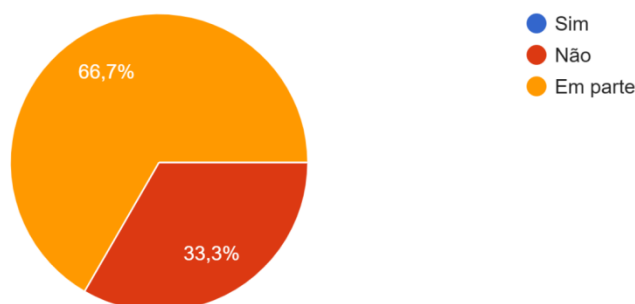
Por outro lado, as demais participantes relataram estratégias práticas e adaptadas à faixa etária, como conversas frequentes com as crianças, explicando o que é apropriado para sua idade e o que diz respeito ao universo adulto. Algumas enfatizaram a importância de tratar o assunto de forma lúdica, leve e respeitosa, sem causar medo ou constrangimento. Lúcia pontuou: *“Gosto de falar: tem coisa para adultos, tem coisa para crianças, como brincar e se divertir”*.

Essas respostas evidenciam que, mesmo sem um protocolo definido, algumas educadoras já se movem no sentido de proteger e orientar as crianças diante das influências digitais, usando o diálogo como principal ferramenta

pedagógica. Ainda assim, percebe-se que há necessidade de mais formação e apoio para que esse trabalho seja ampliado e fortalecido nas práticas escolares.

Na pergunta seguinte, buscamos compreender se, na opinião das participantes, os/as professores/as da Educação Infantil estão preparados/as para lidar com as influências das mídias digitais, especialmente no que se refere à sexualidade. As respostas revelam um cenário de preocupação e autocrítica profissional: 66,7% das professoras (seis participantes) afirmaram que os educadores estão preparados “em parte”, enquanto 33,3% (três participantes) responderam que não estão preparados, conforme gráfico seguinte:

**Gráfico 4 -** Influências das mídias digitais na educação e sexualidade infantil



**Fonte:** Organizado pela autora a partir dos dados do Google Forms, 2025

Essa percepção reforça aquilo que já vinha sendo sinalizado nas perguntas anteriores: há sensibilização e esforços práticos em algumas experiências, mas faltam formação contínua, respaldo institucional e espaços de escuta e orientação para os/as professores/as. Em tempos de intensas transformações digitais e sociais, os desafios se tornam cada vez mais complexos, e é essencial que os profissionais da educação se sintam apoiados e capacitados para lidar com temas delicados como a sexualidade na infância.

Na pergunta seguinte, as professoras foram convidadas a comentar suas respostas anteriores, explicando de que forma os educadores abordam (ou não) as influências das mídias digitais e os temas ligados à sexualidade na prática escolar. Algumas afirmaram que essas abordagens não acontecem ou não ocorrem com frequência, principalmente pela falta de preparo ou por não se sentirem seguras diante da complexidade do tema.

*Particularmente, embora conheça, não uso com frequência as redes sociais. E também não tenho formação em como abordar esse assunto em questão*

*com as crianças, pois penso ser um tema importante, porém delicado para se tratar de qualquer maneira. É necessário saber o quê, como, por que e quando falar para não retraindo a criança no desenvolvimento de sua sexualidade e nem a promover de forma precoce (Sininho).*

*Em todo momento nós professores vamos nos deparar com situações diversas. E essa é uma questão que cabe não somente a escola, mas também aos familiares conversarem, conscientizarem o que é de fundamental importância na infância (Emília).*

Na pergunta sobre o papel da escola na conscientização e amparo das crianças diante da exposição a conteúdos inapropriados, todas as professoras concordaram que a escola tem uma função essencial nesse processo. As respostas convergiram para a ideia de que a instituição escolar precisa atuar não apenas como espaço de ensino formal, mas também como lugar de proteção, escuta e orientação.

Uma das professoras destacou: *A escola tem um papel essencial, pois ela também caminha com aquela criança no dia a dia. E, muitas vezes, é a escola a primeira a perceber se está ocorrendo algo com a criança*” (Glinda). Essa fala é especialmente significativa, considerando que grande parte dos casos de abuso ou violência são identificados no ambiente escolar, onde os vínculos e a observação cotidiana possibilitam perceber sinais de alerta.

Outra professora reforçou a dimensão afetiva e ética desse cuidado ao afirmar: *“Acredito que não julgar a criança, explicar, conscientizar e não deixar de proteger são fundamentais para todas as crianças. E a escola, que desde o princípio adotou as crianças com assistência, não deve negar esse papel também”* (Titânia). Essas respostas revelam uma compreensão clara de que a escola é corresponsável pelo desenvolvimento integral da criança e precisa estar atenta, sensível e preparada para agir sempre que a infância estiver em risco, seja por meio do acolhimento, da formação ou da atuação em rede com as famílias e demais instituições de proteção.

A última pergunta do formulário buscou escutar as professoras sobre possíveis alternativas para combater a exposição precoce a conteúdos eróticos no ambiente escolar. As respostas revelaram um desejo coletivo de agir com responsabilidade, mas também com delicadeza. A maioria das participantes sugeriu mais diálogo com as famílias, formação continuada para os professores e ações lúdicas e educativas com as crianças.

Entre as respostas, destacam-se sugestões como: *“Projetos, conversas, dinâmicas e passar sempre segurança para nossas crianças, além de acolhê-las em*

*todas as situações. Nós educadores somos referência para nossas crianças”* (Dorothy), *Trazer mais a temática em reuniões de pais, palestras informativas pois primeiramente o foco seria a família até então chegarmos a criança* (Glinda), e *Falar sobre a sexualidade com eles de acordo com a temática voltada para as suas idades* (Lúcia). Outras falas apontaram para a necessidade de trabalhar com projetos pedagógicos que envolvam temas como autoproteção, consciência corporal, empatia e limites saudáveis, sempre respeitando a fase do desenvolvimento infantil.

As respostas evidenciam que a maioria das professoras reconhece os impactos da sexualização precoce, e enxergam caminhos possíveis dentro do que está ao seu alcance. O uso de atividades lúdicas, rodas de conversa, contação de histórias e o fortalecimento dos vínculos com as famílias aparecem como estratégias que podem proteger as crianças sem causar medo ou repressão.

As falas das professoras revelam, com força e delicadeza, o papel vital que a escola desempenha na vida das crianças. Em meio aos desafios crescentes de uma sociedade hiper conectada, onde a infância muitas vezes é atravessada por conteúdos que não respeitam seu tempo, a escola se apresenta como um dos poucos espaços de proteção real, onde se cultivam vínculos, se observa com atenção e se cuida com afeto.

Ao apontarem a escola como um ambiente de escuta ativa e vigilância cotidiana, as educadoras demonstram que sua atuação vai muito além da transmissão de conteúdos curriculares. É na convivência diária, nos olhares atentos e nos pequenos gestos que se constrói uma rede de apoio indispensável à infância. Um lugar onde sinais silenciosos, que muitas vezes escapam no contexto familiar ou virtual, podem ser notados, acolhidos e encaminhados com responsabilidade. Isso exige um compromisso ético e afetivo, pois a escola passa a ser também um território de cuidado, onde a criança é vista em sua totalidade – corpo, mente, emoções e história.

Além disso, as educadoras manifestaram um desejo legítimo por formação continuada e diálogo aberto com as famílias, reconhecendo que a educação sexual na infância exige um equilíbrio delicado entre informação, proteção e respeito às etapas do desenvolvimento infantil. As estratégias apontadas, como rodas de conversa, projetos pedagógicos e atividades lúdicas, reforçam a necessidade de trabalhar esses temas de forma cuidadosa, sem estimular tabus nem promover a repressão, mas sim promovendo a consciência corporal, a empatia e o autocuidado.

Esses caminhos indicam que, mesmo diante de um cenário complexo, há possibilidades concretas para a escola exercer seu papel de guardiã da infância, com responsabilidade e amor.

Por fim, os resultados da pesquisa evidenciam com clareza que as professoras são agentes fundamentais na construção de ambientes escolares mais seguros, afetivos e atentos às necessidades reais da infância. Elas não apenas ensinam conteúdos, mas também acolhem, escutam, percebem sutilezas e criam espaços onde as crianças se sentem vistas e protegidas. É nesse cotidiano de cuidado que a sexualidade infantil é compreendida como parte natural e saudável do desenvolvimento humano, merecendo ser acompanhada com respeito, escuta e responsabilidade. Ao mesmo tempo, as educadoras demonstram consciência dos riscos que rondam a infância nos dias atuais e se mostram dispostas a proteger as crianças de tudo aquilo que possa comprometer seu bem-estar físico, emocional e social.

Esse entendimento, construído a partir da prática e da sensibilidade dessas profissionais, fortalece a urgência de políticas públicas consistentes e de ações formativas contínuas que as apoiem em sua missão. Promover uma atuação consciente, humanizada e colaborativa exige investimento em formação, espaços de escuta entre pares, diálogo com as famílias e suporte institucional. É nesse contexto que a escola pode cumprir, de fato, seu papel como espaço de proteção e desenvolvimento integral, garantindo que esse tempo tão sensível da vida seja marcado por descobertas saudáveis, vínculos seguros e liberdade de crescer longe da violência, da exploração e da exposição inadequada. A defesa da infância passa, inevitavelmente, pela valorização de quem cuida dela todos os dias com amor e compromisso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem tudo é coisa de criança! Embora essa frase, muitas vezes, pareça inofensiva, é necessário refletir com seriedade sobre o que realmente pertence, e o que não pertence, ao universo infantil. A infância tem um tempo próprio, um ritmo que deve ser respeitado. É tempo de brincar, de imaginar, de explorar o mundo com leveza. É uma fase preciosa, frágil e potente ao mesmo tempo, que precisa ser protegida por todos nós.

Infelizmente, essa fase da vida vem sendo atravessada por conteúdos que não condizem com sua natureza. Através das mídias digitais, crianças estão sendo expostas, cada vez mais cedo, a vídeos, músicas, comportamentos e imagens com apelo erótico e adultizado. Essa invasão silenciosa afeta diretamente sua formação emocional, afetiva e social, moldando comportamentos, gestos e percepções que não deveriam fazer parte de sua construção nesse momento.

Esta monografia nasce justamente da inquietação com essa realidade. O objetivo foi analisar as possíveis consequências da exposição precoce a conteúdos eróticos no desenvolvimento infantil, destacando as estratégias de intervenção que podem ser adotadas por professores/as em suas práticas pedagógicas. A escuta dessas educadoras revelou não apenas preocupações legítimas, mas também o desejo de enfrentar esses desafios com responsabilidade e cuidado.

A escola, por si só, não consegue dar conta de tudo. E é importante dizer isso sem medo: educar é um trabalho coletivo. Por mais dedicados e sensíveis que sejam os/as professores/as, sem a parceria da família, os esforços se tornam limitados. A escola precisa caminhar junto com os pais e responsáveis, formando uma rede de apoio em que todos assumem o compromisso de cuidar da infância. A responsabilidade não pode ser transferida de um para o outro. Crianças precisam de adultos atentos, presentes e conscientes, em casa e na escola.

A pesquisa apontou que práticas pedagógicas adaptadas, alinhadas com a realidade atual e com a faixa etária das crianças, são ferramentas essenciais. Mas também mostrou que a formação contínua de educadores/as e o diálogo aberto entre escola e família são pilares indispensáveis. Não se trata de ensinar sobre sexo de forma precoce, mas de garantir que as crianças compreendam seus sentimentos, aprendam sobre respeito, limites e autocuidado. Isso também é proteção. Isso

também é amor.

Mais do que analisar documentos e sistematizar falas, esta monografia também quer provocar reflexões. Ela deseja ser uma pequena contribuição dentro de um debate urgente e necessário. Deseja inspirar futuras pesquisas, dialogar com outras produções acadêmicas, fortalecer profissionais da educação e encorajar mais famílias a olharem com mais atenção para o que seus filhos estão acessando, ouvindo, dançando e reproduzindo.

Porque sim, é preciso ensinar. Mas, mais do que isso, é preciso acompanhar, orientar, estar presente. A ausência de orientação e o silêncio sobre esses temas não protegerão as crianças, pelo contrário, podem deixá-las ainda mais vulneráveis.

Ao final desta caminhada, deixamos uma afirmação clara: proteger a infância é um dever coletivo. É necessário que escola e família se reconheçam como aliadas e atuem com compromisso, diálogo e sensibilidade. O futuro se constrói agora, no presente que damos às nossas crianças. A escritora Lya Luft em seu livro *Perdas e Ganhos* (2003), afirma que a infância representa um chão sobre o qual se caminha por toda a vida, ressaltando a importância de que esse alicerce seja firme, respeitado e digno de boas lembranças. Que esse chão seja bonito de se lembrar.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Giancarlo de; ARAUJO, Saraina Gonçalves de; NIEBUHR, Miriam Cestari. **A adultização da criança na atualidade face à mídia influenciadora**. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, 2019.

ALDUINO, Camila Campos Vizzotto. **Afinal, os anjos têm sexo? Concepções e ações formativas sobre a sexualidade na infância em uma rede municipal de educação infantil**. 2021. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/6afc3339-1785-4c11-9989-39e6edbfa088>. Acesso em: 18 jul. 2025.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BAUM, Lyman Frank. **O Mágico de Oz**. Tradução de Sérgio Flaksman. Edição comentada e ilustrada. São Paulo: Clássicos Zahar, 2013.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan & Wendy**. Tradução de Hildegard Feist. Ilustrações de Michael Foreman. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 07 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versa\\_ofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal.pdf). Acesso em: 07 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/diretrizes-nacionais-para-a-educacao>. Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024**. Institui a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias intersetoriais de prevenção à violência contra crianças; e altera a Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 21 mar. 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L14826.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14826.htm). Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União: seção 1, p. 18, 18 dez. 2009. Disponível em: [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em: 07 jul. 2025.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BUARQUE, Chico. **Os Saltimbancos**. São Paulo: Autêntica, 2017.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CAJU, Julianne. **Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita**. 2017.

CARDI B; MEGAN THEE STALLION. *WAP*. 2020. Videoclipe. Disponível em: <https://youtu.be/hsm4poTWjMs>. Acesso em: 26 ago. 2024.

CIPRIANI, Flávia Marcele. **Imagem corporal na infância: uma investigação qualitativa**. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3798>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CONTIER. Arnaldo Daraya. Mário de Andrade e a Música Brasileira. **Revista Música**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 33–47, 1994. DOI: 10.11606/rm.v5i1.55070. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/55070>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CROCIARI, Ariane. **Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo**. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191714>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LANIER, Jaron. (2018). **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. São Paulo, SP: Intrínseca.

LIBÂNEO, José Carlos de. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MC PIPOKINHA; DJ PABLO RB; DJ NOGUERA; DJ FELYPINHO 013. Bota na Pipokinha. [S.l.]: Central dos Bailes, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAmHQk-OW3k>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MC TUTO; DJ GLENNER. **Barbie**. [S.l.]: YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eq5 GoyTA>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORAES, Julianne Caju de Oliveira Souza. **Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Câmpus Universitário de Rondonópolis, Rondonópolis, MT. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/1944>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M.; THERRIEN, J. Trabalhos científicos e o estado da questão. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5–16, 2004. DOI: 10.18222/eae153020042148. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2148>. Acesso em: 11 jul. 2025.

OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli de. **Sexualidade, gênero e infância: a relação escola, família e pediatria na educação sexual de crianças da educação infantil**. 2021. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao\\_escolar/5580.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/5580.pdf). Acesso em: 18 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Brasília: OMS, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789241564984>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PONGELUPPE, Maria Angélica Brizolari. **O funk de MC Melody: problematizações sobre mídia, sexualidade e infância**. 2020. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13574>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PRECIADO, P. B. Museu, lixo urbano e pornografia. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 20–31, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i8.23686. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALES, Shirlei; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; OLIVEIRA, Danilo Araujo de. **Metodologias de Pesquisas Científicas no Ciberespaço/Cibercultura**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coord.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho, 1997. p. 9–30. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/79715>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, Maria Rita Zoéga; SOUZA, Sílvia Regina de; MARINHO, Maria Luiza. **Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 21, n. 3, p. 257-265, 2004.

SOUZA, Gabriela Neves Paula de. **Gêneros, sexualidades e educação em memórias de infância: corpos que existem e resistem**. 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis. Disponível em: <https://ri.ufr.edu.br/handle/123456789/12253>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão**. Tradução de Rafael Raffaelli. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Edição bilíngue. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187671>. Acesso em: 18 jul. 2025.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Sexualidade, Gênero e Gerações: Continuando o Debate**. Universidade Federal de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.

VALÉRIO JÚNIOR, Itamar José. **“Crianças estilosas”: imagens de infância nas redes sociais**. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis. Disponível em: <https://ri.ufr.edu.br/handle/123456789/12193>. Acesso em: 18 jul.

2025.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema.** 3. ed. Campo Grande: UFMS, 2014.

ZIRALDO. **O menino maluquinho.** São Paulo: Melhoramentos, 1980.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

### PROJETO: ISSO É COISA DE CRIANÇA? EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS ERÓTICOS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA

#### ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL – INFANTIL I E II

##### Dados de identificação das entrevistadas:

Em qual área você atua na educação infantil?

Há quantos anos você trabalha na área de educação infantil?

1. O que você entende por sexualidade?
2. Como você avalia a educação infantil atualmente, especialmente em relação ao desenvolvimento da sexualidade?
3. Você percebe alguma mudança nos comportamentos das crianças de hoje em comparação com gerações anteriores em relação à sexualidade? Se sim, quais?
4. Você percebe a influência de conteúdos eróticos, como músicas, vídeos ou tendências de plataformas como o *TikTok*, no comportamento e nas conversas das crianças?  
☐ SIM  
☐ NÃO  
☐ NÃO TENHO CERTEZA
5. Se a resposta anterior for SIM, de que maneira você observa que o *TikTok* e outras plataformas digitais influenciam as crianças na escola em relação à sexualidade?
6. Que comportamentos específicos você observou que podem ser atribuídos à exposição a conteúdos inapropriados nessas plataformas?
7. Há diálogos com as famílias em relação ao perigo da exposição de conteúdo eróticos na infância? Se sim, como acontece ?
8. Você utiliza alguma estratégia para abordar as influências das mídias digitais e conteúdos inapropriados em sala de referência?

9. Na sua opinião, os/as professores/as da educação infantil estão preparados/as para lidar com as influências das mídias digitais na educação infantil, especialmente em relação à sexualidade?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ EM PARTE

10. Comente um pouco a resposta anterior, destacando: se SIM, como acontece? Se NÃO, ou EM PARTE, em sua opinião, porquê? 11. Qual você acredita ser o papel da escola na conscientização e amparo das crianças em relação à exposição a conteúdos inapropriados? 12. Que alternativas você sugeriria para combater a exposição precoce de conteúdos eróticos na infância, dentro do ambiente escolar?